

Cura Bíblica

Vincent Cheung

Título do original:

Biblical Healing

Copyright © 2003 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Primeira edição em português: *Julho de 2005*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2003 | 3 |
| 1. CURA E EXPIAÇÃO | 4 |
| 2. CURA E AUTORIDADE..... | 17 |
| 3. CURA E MINISTÉRIO | 22 |
| 4. CURA E MEDICINA | 39 |

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2003

Este livro discute a provisão de Deus para a cura, como ensinada na Escritura. O primeiro capítulo estabelece que a obra expiatória de Cristo inclui provisão para cura tanto da mente como do corpo do crente. Ele também explica como a soberania de Deus se relaciona com como a cura é dispensada. O segundo capítulo trata com a natureza e o uso da autoridade divina, e explica a autoridade que Deus nos conferiu através de Jesus Cristo para ministrar cura. Estes dois formam a base teológica para pedir e ministrar a cura, e os capítulos subseqüentes aplicam e estendem a mesma em formas específicas.

Nesta nova edição, eu fiz muitas alterações importantes por todo o texto para melhorar o conteúdo e o estilo, mas eu não fiz todas as mudanças e adições desejadas, e, portanto, espero publicar outra edição no futuro ou escrever um novo livro que as inclua. Por exemplo, embora eu tenha examinado muitas obras eruditas e populares sobre a cura bíblica, eu me abstive de interagir com a maioria delas neste livro.

Além do mais, há a necessidade de uma maior precisão na linguagem e exatidão no pensamento, então, espero também fazer os aprimoramentos relevantes numa futura revisão ou num novo livro sobre um assunto relacionado.

1. CURA E EXPIAÇÃO

À questão de que se Deus cura o doente hoje, respondemos que, porque Deus é onipotente, sabemos que Ele pode curar qualquer pessoa — Ele é capaz de até mesmo ressuscitar o morto. E visto que Deus é soberano, Ele age como Lhe agrada, e ninguém pode Lhe dizer: “O que fazes?” (Jó 9:12). Ninguém pode desafiar Sua decisão e Sua justiça. Portanto, Ele pode curar alguns, mas não outros, e em cada caso Ele necessita ter razões suficientes somente para satisfazer a Si mesmo por Sua decisão, quer Ele nos revele ou não estas razões.

Todavia, quer Deus conceda ou retenha a cura, Ele o faz de uma forma que é consistente com os Seus atributos e com os Seus decretos, como Ele os tem revelado na Escritura. Portanto, seria benéfico para nós estudar o fundamento bíblico para a cura. Este capítulo é um breve estudo sobre cura e sua relação com a obra expiatória de Cristo.

A própria morte física começou por causa da transgressão de Adão: “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5:12). Pelo menos alguns exemplos de doenças ocorrem como um resultado de pecados específicos. Por exemplo, após curar um homem que “era paralítico fazia trinta e oito anos.” (João 5:5), Jesus lhe disse: “Olhe, você está curado. Não volte a pecar, para que algo pior não lhe aconteça” (João 5:14).

Contudo, nem todo caso de doença é resultado de um pecado específico. Em João 9, Jesus e Seus discípulos encontraram um homem que era cego de nascença, e os discípulos perguntaram: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?” (v. 2). Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram” (v. 3). Assim, nem todo caso de doença pode ser traçado a um pecado particular, embora todo caso de doença (e cura) possa ser atribuído ao decreto de Deus. Visto que freqüentemente temos informação limitada e inexata sobre uma pessoa, usualmente deveríamos evitar assumir que sabemos as razões de sua doença. Há diversas razões possíveis para uma pessoa estar doente, e pode não ser porque ela tenha pecado. Neste caso, Jesus explica: “Isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele” (v. 3). Todavia, se um caso de doença é resultado de um pecado que alguém cometeu, Tiago 5:15 diz que há perdão e cura para tal pessoa: “A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado”.

Embora Deus seja a causa última de todas as coisas, e Ele deveras exercite controle imediato sobre todas as coisas para a existência e operação delas, a Escritura indica que Satanás é pelo menos algumas vezes a causa secundária da doença. Atos 10:38 diz: “Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele”.

Contudo, é Deus quem controla todas as causas secundárias de tudo o que acontece. Por exemplo, embora Herodes e Pilatos tenham sido aqueles que crucificaram a Jesus, eles eram apenas causas secundárias. A causa primária e última foi Deus, que determinou que Jesus seria crucificado, e que também tinha determinado as causas secundárias

pelas quais isto aconteceria: “De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungistes. Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse” (Atos 4:27-28). A crucificação foi, no final das contas, uma idéia não de Herodes ou de Pilatos, mas uma idéia de Deus. E foi uma idéia de Deus também que Herodes e Pilatos fizessem o que fizeram.

Embora Deus seja soberano e determine todas as coisas que acontecem, Ele também usa meios para executar tudo o que Lhe agrada. Assim como Deus é livre para enviar um “espírito mentiroso” para “enganar Acabe, rei de Israel, para que ataque Ramote-Gileade e morra lá” (2 Crônicas 18:19-22), Ele é livre para enviar qualquer agente para executar o Seu decreto — até mesmo para enviar Satanás para infligir Jó e causar doença. Isto não deveria vir como surpresa para cristãos, que crêem que todas as coisas pertencem a Deus, e que todas as coisas estão sob o Seu controle: “A ele pertencem a força e a sabedoria; tanto o enganado quanto o enganador a ele pertencem” (Jó 12:16).

Porque a Escritura algumas vezes chama Satanás de a causa secundária da doença, e porque a Escritura ensina que Deus algumas vezes traz cura às pessoas, aqueles que ensinam sobre a graça curadora freqüentemente negam que Deus deseje ou possa fazer com que as pessoas fiquem doentes. Contudo, a Escritura ensina que Deus pode fazer tudo o que Ele deseja, quer seja para infligir ou para curar, e quer seja para matar ou para dar vida. Não deveríamos atribuir todas as doenças a outras causas além de Deus, tais como ao pecado ou ao diabo, pois até mesmo o pecado e o diabo estão sob o controle absoluto e constante de Deus.

Por exemplo, em Êxodo 15:26, Deus diz a Israel: “Se vocês derem atenção ao SENHOR, o seu Deus, e fizerem o que ele aprova, se derem ouvidos aos seus mandamentos e obedecerem a todos os seus decretos, não trarei sobre vocês nenhuma das doenças que eu trouxe sobre os egípcios, pois eu sou o SENHOR que os cura”.

Então, em Deuteronômio 28:58-61, Ele diz

Se vocês não seguirem fielmente todas as palavras desta lei, escritas neste livro, e não temerem este nome glorioso e terrível, o SENHOR, o seu Deus, ele enviará pestes terríveis sobre vocês e sobre os seus descendentes, desgraças horríveis e prolongadas, doenças graves e persistentes. Ele trará sobre vocês todas as temíveis doenças do Egito, e vocês as contrairão. O SENHOR também fará vir sobre vocês todo tipo de enfermidade e desgraça não registradas neste Livro da Lei, até que sejam destruídos.

Estas duas passagens indicam que Deus foi Aquele que enviou as pragas contra o Egito, e Ele foi Aquele que os fez ficar doentes. Este mesmo Deus poderia enviar doença contra Israel, ou Ele poderia enviar-lhes cura.

Aplicar a soberania de Deus à área de enfermidade e cura como esta, pode estimular questões sobre “o problema do mal” em sua mente — como Deus pode ser bom e amável, se Ele pode e *de fato* inflige doença nas pessoas? Visto que tenho conclusivamente respondido a este assunto em outro lugar, eu não repetirei minha

resposta aqui; antes, sugiro que você leia o que eu já escrevi¹. Em todo caso, dizer que seria imoral para Deus fazer as pessoas ficarem doentes é absurdo, visto que Deus é Aquele que determina o que é moral e o que é imoral.

Por ora, assumiremos o que eu já estabeleci em outro lugar, ou seja, que a soberania exaustiva e absoluta de Deus de forma alguma contradiz Sua bondade, que Sua soberania não gera qualquer assim-chamado “problema do mal”. Antes, podemos insistir que a soberania absoluta de Deus sobre tanto a doença como sobre a cura é a única base sobre a qual podemos construir a doutrina da cura.

Não há necessidade de temer que a doutrina da soberania divina diminuirá a doutrina da cura. De fato, é no contexto de louvar a generosidade de Deus que Ana afirma Seu controle tanto sobre a morte como sobre a vida, e tanto sobre a pobreza como sobre a riqueza: “O SENHOR mata e preserva a vida; ele faz descer à sepultura e dela resgata. O SENHOR é quem dá pobreza e riqueza; ele humilha e exalta” (1 Samuel 2:6-7). Deus não traz morte? Certamente Ele traz, mas Ele traz vida também. Deus não envia pobreza? Certamente Ele envia, mas Ele envia riqueza também. Deus não faz com que as pessoas fiquem doentes? Certamente Ele faz, mas Ele faz com que as pessoas fiquem saudáveis também. Ele faz todas as coisas segundo o Seu prazer e Seu plano, e tudo o que Ele faz é, por definição, sábio, justo e bom.

Por doença, podemos nos referir a uma má-função ou condição biológica que é anormal com relação à forma com que Deus criou o corpo humano para ser. Contudo, é difícil ser muito preciso, visto que após a queda do homem, tudo sobre ele é anormal, e até mesmo o que aparentemente um corpo saudável, não está na condição perfeita na qual Deus o criou para Adão. Isto sugere que nossa cura completa será concedida após esta vida, quando Deus completará a salvação que Ele tem iniciado em nós.

Portanto, embora a cura bíblica refira-se à restauração do corpo pelo poder de Deus, ela não implica a perfeição do corpo físico, ou a saúde perfeita do corpo físico. Antes, ela é a ação de Deus sobre o corpo humano para corrigir uma má-função ou condição física imediatamente óbvia ou ameaçadora, que pode abranger desde um resfriado a um câncer. Mas a perfeição não está em vista, visto que nenhum corpo humano está em perfeita condição nesta vida. Neste sentido, toda cura física nesta vida é relativa e incompleta, assim como o poder do Espírito Santo para desenvolver santidade em nós é relativo e incompleto por enquanto, embora a santificação completa seja deveras nos prometida, para ser consumada após esta vida.

Seja qual for o tipo de doença que uma pessoa tenha, Deus pode e realiza o ato correspondente de cura para restaurar o corpo. Por exemplo, se a doença física é o resultado de desequilíbrio químico, então uma cura será um ato de Deus que restaure o equilíbrio químico do indivíduo. Outro tipo de cura física seria a restauração de partes do corpo que foram danificadas ou perdidas. Quer esta seja instantânea ou gradual, Deus pode e restaura partes dos corpos danificadas e ausentes (tal como um membro amputado) por Seu poder.

¹ Veja Vincent Cheung, “O Problema do Mal”, em *A Luz das Nossas Mentas*, e as seções relevantes de *Teologia Sistemática e Questões Últimas*.

Algumas doenças são psicossomáticas, de forma que o estado mental e emocional destrutivo do indivíduo tem causado uma má-função no corpo. Isto reconhece uma relação entre o pensamento e a saúde física de uma pessoa. A Bíblia não nega esta conexão, mas ela não endossa muitas das idéias populares com respeito a isso. Em tais casos, Deus pode agir diretamente para remover a condição física, e renovar o pensamento da pessoa por meio de Sua palavra. Mas Ele pode mudar também instantaneamente o pensamento da pessoa, se Ele assim o quiser. Certamente, seja o que for que Deus faça para curar a condição imediata, aquele que tem sido curado deverá continuar a manter o pensamento correto estudando e refletindo sobre as palavras da Escritura.

Há casos nos quais as condições ou danos aparentes nas pessoas permanecem sem mudanças, mas as funções corporais que foram prejudicadas pelas condições foram restauradas. Por exemplo, há um caso no qual um osso foi quebrado, de forma que a pessoa foi impedida de usar o seu braço. Após a oração, ela foi capaz de usar seu braço novamente; contudo, de acordo com os raios-X o osso ainda estava quebrado. Deus pode e de fato cura quando Ele quer e como Ele quer, para o nosso bem e para a Sua glória.

Antes de discutirmos a relação entre cura e expiação, será útil estabelecer primeiro a natureza da obra expiatória de Cristo.

“Expição” tem a ver com sacrifícios substitutivos por pecados. Por exemplo, em Levítico 17:11, Deus diz a Israel: “Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida”. Sob a Velha Aliança, o sangue dos animais faria “expição” pelos pecados das pessoas. Ao invés de requerer as mortes das pessoas que tinham pecado, Deus aceitava as mortes dos animais como seus substitutos. Os animais morreriam no lugar dos pecadores.

Os pecados das pessoas eram considerados por Deus como tendo sido “transferidos” para os animais:

Se o holocausto for de gado, oferecerá um macho sem defeito. Ele o apresentará à entrada da Tenda do Encontro, para que seja aceito pelo SENHOR, e porá a mão sobre a cabeça do animal do holocausto para que seja aceito como propiciação em seu lugar. Então o novilho será morto perante o SENHOR, e os sacerdotes, descendentes de Arão, trarão o sangue e o derramarão em todos os lados do altar, que está à entrada da Tenda do Encontro. (Levítico 1:3-5)

Após transferir seus pecados para um animal, ele seria então morto, morrendo no lugar daqueles que tinham quebrado o pacto com Deus pelos seus pecados (Levítico 16:15-19).

Mas então a Bíblia diz: “Pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados” (Hebreus 10:4). Isto é somente razoável, visto que, como podem os pecados cometidos por um homem ser pago através do sangue de criaturas inferiores? Deus tinha aceitado estes sacrifícios em antecipação de um sacrifício perfeito, que pagaria completa e permanentemente pelos pecados do povo de Deus e os removeriam. Como Hebreus 10:1-10 explica:

A Lei traz apenas uma sombra dos benefícios que hão de vir, e não a sua realidade. Por isso ela nunca consegue, mediante os mesmos sacrifícios repetidos ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam para adorar. Se pudesse fazê-lo, não deixariam de ser oferecidos? Pois os adoradores, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais se sentiriam culpados de seus pecados. Contudo, esses sacrifícios são uma recordação anual dos pecados, pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados. Por isso, quando Cristo veio ao mundo, disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; de holocaustos e ofertas pelo pecado não te agradaste. Então eu disse: Aqui estou, no livro está escrito a meu respeito; vim para fazer a tua vontade, ó Deus”. Primeiro ele disse: “Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado não quiseste, nem deles te agradaste” (os quais eram feitos conforme a Lei). Então acrescentou: “Aqui estou; vim para fazer a tua vontade”. Ele cancela o primeiro para estabelecer o segundo. Pelo cumprimento dessa vontade fomos santificados, por meio do sacrifício do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas.

É por meio do “sacrifício do corpo de Jesus Cristo” que “fomos santificados...de uma vez por todas”. O sangue de animais era insuficiente para redimir pecadores, mas o sangue de Cristo foi suficiente para expiar completa e permanentemente os pecados daqueles que Deus tentou salvar. A Escritura continua e explica:

Dia após dia, todo sacerdote apresenta-se e exerce os seus deveres religiosos; repetidamente oferece os mesmos sacrifícios, que nunca podem remover os pecados. Mas quando este sacerdote acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus. Daí em diante, ele está esperando até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés; porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados. (Hebreus 10:11-14)

Portanto, a natureza da obra expiatória de Cristo é substitutiva, na qual Ele morreu para que pudéssemos viver, e na qual “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). Deus identificou Seus eleitos em Cristo, de forma que em Sua morte, foi como se nós tivéssemos morrido, e em Sua ressurreição, tivéssemos ressuscitado juntamente com Ele (Colossenses 2:12-14). Então, Deus aplica a obra expiatória de Cristo aos Seus escolhidos durante as suas vidas regenerando-os e dando-lhes o dom da fé (João 3:7-8; Efésios 2:8-9).

Segundo a Escritura, a libertação da condenação eterna não é o único benefício nos fornecido pela expiação. Nosso interesse presente é afirmar que a expiação também fornece libertação da doença física. Mateus 8:16-17 diz: “Ao anoitecer foram trazidos a ele muitos endemoninhados, e ele expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os doentes. E assim se cumpriu o que fora dito pelo profeta Isaías: ‘Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças’”. O versículo 17 é a aplicação de Mateus da profecia de Isaías sobre a expiação aos milagres de cura de Cristo. Visto que o versículo 16 também menciona os “endemoninhados”, o versículo 17 aplica-se tanto àqueles afligidos pela doença física como àqueles que são afligidos por poderes demoníacos.

Há aqueles que, afirmando que a cura é providenciada na expiação, extraem a conclusão de que cura perfeita e completa é, portanto, o direito e o privilégio de todo crente, e deve ser reivindicado e recebido por exigência nesta vida. Aqueles que objetam a esta conclusão escolhem algumas vezes a desafortunada resposta de negar que a cura seja provida na expiação. Mas esta resposta é tanto inexata como desnecessária.

Primeiro, é inexato negar que a cura seja provida na expiação porque isto simplesmente contradiz o que a Bíblia ensina. D. A. Carson, que não compartilha a posição de que todos os crentes podem receber cura perfeita e completa nesta vida por exigência, todavia, escreve o seguinte:

É também argüido que, porque “há cura na expiação”, como o slogan sinaliza, todo crente tem o direito de fazer uso do benefício da cura assegurado pela cruz. Tristemente, não-carismáticos têm algumas vezes respondido a isso *negando* que haja cura na expiação — uma posição que pode ser defendida apenas pela mais forçada exegese.²

Segundo, é desnecessário negar que a cura seja provida na expiação, pois afirmar que a cura é providenciada na expiação não necessariamente compele alguém a afirmar também que a cura perfeita e completa esteja disponível a todo crente nesta vida por exigência. Como Carson continua a dizer:

Certamente há cura na expiação. Exatamente no mesmo sentido, a ressurreição do corpo também está na expiação — a despeito desse fato, nenhum carismático ou não-carismático argumenta que algum cristão tenha o direito de demandar uma ressurreição do corpo *agora mesmo*. A questão não é “o que está na expiação”, pois certamente todos os cristãos desejarão dizer que toda bênção que nos vêm, agora e no porvir, fluem, no final das contas, da obra redentora de Cristo. Antes, a questão é que bênçãos temos o direito de esperar como universalmente dadas *agora mesmo*, que bênçãos podemos esperar *somente* na vida futura, e que bênçãos podemos parcialmente ou ocasionalmente desfrutar agora e em plenitude somente no porvir.³

Da mesma forma, Wayne Grudem escreve:

Todos os cristãos provavelmente concordariam que na expiação Cristo alcançou para nós, não somente a liberdade completa do pecado, mas também a completa liberdade das fraquezas e enfermidades físicas em Sua obra de redenção. E todos os cristãos concordariam também que a posse completa e plena de todos os benefícios que Cristo ganhou para nós não virão até que Cristo retorne: é somente “quando ele vier” (1 Coríntios 15:23) que receberemos nosso corpo ressurreto perfeito. Assim acontece também com a cura física e com a redenção de nossas doenças físicas que vieram como resultado da maldição em Gênesis 3. A posse completa da redenção das enfermidades físicas não será nossa até que Cristo retorne e até que recebamos nosso corpo ressurreto.⁴

² D. A. Carson, *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12-14*; Baker Books, 2000 (original: 1987); p. 175-176.

³ *Ibid.*, p. 176.

⁴ Wayne Grudem, *Systematic Theology*; Zondervan Publishing House, 1994; p. 1063.

Numa nota de rodapé, Grudem adiciona: “Quando as pessoas dizem que a cura completa está ‘na expiação’, a afirmação é verdade em um sentido supremo, mas ela realmente não nos diz nada a respeito de quando receberemos ‘a cura completa’ (ou mesmo parte dela)”.⁵ De acordo com Carson, inferir do fato de que há expiação na cura a conclusão de que a cura perfeita e completa está agora disponível a todos os crentes por exigência parece ser “outra forma de escatologia super-realizada tão desenfreada na igreja em Corinto”.⁶ Eles estão absolutamente corretos.

Agora, tanto Carson como Grudem usam a promessa da ressurreição do corpo como um exemplo, ilustrando que o fato de algo ser providenciado na expiação não nos diz automaticamente quando o mesmo será completamente consumado em nós e quanto dele podemos receber nesta vida. Talvez o exemplo da santificação seja até melhor. Certamente a expiação providenciou liberdade perfeita e completa do pecado! Todavia, todos os crentes ainda cometem pecados nesta vida. Santificação é um processo que Deus soberanamente controla em nós, embora Ele a efetuará através de muito esforço e luta, que Ele também controla: “Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:12-13). Embora já tenhamos alcançado perfeita e completa justiça forense através da fé em Cristo, alcançaremos a impecabilidade em pensamento e conduta somente após esta vida.

Aqueles que negam que a cura esteja na expiação podem tomar uma das diversas posições com respeito à cura.

Algumas pessoas crêem que Deus “cura” agora principalmente ou até mesmo unicamente através da ciência médica, mas esta é uma afirmação arbitrária sem qualquer suporte bíblico. Em todo caso, poder ser muito enganoso dizer que “Deus cura através da medicina”, visto que isto parece confundir Sua providência ordinária com Sua providência especial, a última se referindo ao controle de Deus sobre Sua criação aparte dos meios ordinários, e é neste sentido que estamos agora falando de cura.

Por exemplo, Deus nos “alimenta” todos os dias; Ele é Aquele que nos dá o nosso pão diário. Contudo, isso é diferente de como Jesus alimentou a grande multidão de pessoas multiplicando o alimento. Também, é Deus quem “dá” o vinho através dos meios ordinários, mas isto é diferente de como Jesus transformou água em vinho quando a quantidade inicial de vinho tinha sido exaurida em João 2. Da mesma forma, Deus pode “curar” através da medicina num sentido, mas isto não é o que estamos considerando neste ponto. O tópico é o poder miraculoso de Deus para trazer cura física aparte da ciência médica.

Outros podem afirmar que, visto que Deus é soberano, Ele pode curar se Ele desejar, embora muitos neste grupo creiam que é raro que Deus cure aparte da ciência médica hoje, e que os dons miraculosos manifestados através dos primeiros discípulos cessaram após o primeiro ou segundo século. Certamente, a crença de que é raro para Deus curar aparte da ciência médica hoje não tem qualquer garantia escriturística, mas ela é

⁵ Ibid., p. 1063.

⁶ Carson, *Showing the Spirit*; p. 176.

freqüentemente uma pressuposição fortemente sustentada que ignora todos os testemunhos ao contrário. Quanto ao cessacionismo, ou a crença de que os dons miraculosos cessaram após o primeiro ou segundo século, não devotaremos o espaço para apresentar as questões exegéticas aqui — por ora, apenas diremos que o cessacionismo vem de uma interpretação muito forçada e não convincente da Escritura.

Rejeitando tanto o triunfalismo⁷ por um lado como o cessacionismo por outro, minha posição sobre a cura bíblica é a seguinte:

Deus ainda cura as pessoas hoje de acordo com Sua soberania absoluta. Isto significa que Ele cura quem Ele quer e quando Ele quer. Ele freqüentemente concede fé aos cristãos para orarem por sua própria cura ou pela cura dos outros, e estas orações formam ocasiões nas quais Ele é freqüentemente agradado de realizar cura sobre o doente. Assim, o processo de cura é soberanamente controlado por Ele em cada ponto.

Em adição, Deus ainda dota alguns indivíduos com dons de cura. Aqueles assim dotados geralmente terão respostas mais freqüentes, completas e espetaculares às suas orações por cura. Pessoas dotadas com tais dons podem se encontrar mais eficazes em ministrar àqueles com tipos específicos de doenças, de forma que alguém pode encontrar grande sucesso quando orando por aqueles com câncer, enquanto outro pode ser mais eficaz quando orando por aleijados. Mas quer a você tenha sido dado os dons de cura ou não, ou seja quais forem os dons de cura que você tenha, você ainda pode orar por pessoas com todos os tipos de doenças, assim como qualquer cristão pode orar a Deus sobre qualquer necessidade.

Esta visão é compatível com o entendimento de que a cura está na expiação, de forma que a obra expiatória é a base sobre a qual Deus cura o Seu povo, e Ele dispensa este benefício provido pela expiação como Lhe agrada. Novamente, que a saúde perfeita esteja incluída como uma bênção da expiação não significa que todos os crentes (ou qualquer um deles) possa ter saúde perfeita agora mesmo. Mas Deus é certamente livre para nos dar uma pequena prova dela nesta vida nos curando, fortalecendo e imunizando de doenças.

Ter saúde *perfeita* significa que não há *nada* errado ou deficiente com o corpo, e que não há nenhuma necessidade de o corpo melhorar mais. Aqueles que insistem que a saúde perfeita é disponível para nós por exigência agora mesmo através da expiação, falham em perceber que eles não estão falando realmente de saúde *perfeita*, mas ainda somente de graus de saúde (um grau que subjetivamente os satisfaz como sendo “saudável” ou “sem doença”), embora a saúde *perfeita* tenha sido provida na expiação.

⁷ Triunfalismo pode se referir à “doutrina, atitude ou crença de que um credo religioso é superior a todos os outros” (*Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*), mas aqui eu quero dizer algo diferente. De fato, eu devo insistir no tipo de triunfalismo descrito por esta definição do dicionário, visto que é estúpido e imoral afirmar um credo específico a menos que você creia que ele seja superior a todos os outros. Antes, eu estou usando o termo num sentido mais técnico, de forma que triunfalismo se refere à negação de que muitas bênçãos redentoras não estão ainda completamente consumadas. Ele insiste em ter o que Deus tem reservado para o futuro. Um escritor observou que Paulo tinha dirigido a igreja primitiva para longe de “um falso triunfalismo que negava a realidade contínua do mal, a medida que ele trazia o futuro para o presente”, que nossa afirmação de bênçãos presentes devem ser “temperadas por uma estimativa realista da luta progressiva em antecipação de um reino futuro, agora começado mas não ainda consumado e finalmente alcançado” (*Dictionary of Paul and His Letters*; InterVarsity Press, 1993; p. 988).

Portanto, mesmo aqueles que ensinam a cura “completa” através da expiação, sem saber reconhecem que embora a saúde perfeita seja provida na expiação, ela, contudo, não é alcançada nesta vida — não por causa de falta de fé, mas porque Deus escolheu não concedê-la agora mesmo:

Mas a questão que nos confronta com respeito ao dom de cura é se Deus pode de vez em quando conceder-nos uma antevisão ou uma amostra inicial da cura física que Ele vai nos conceder plenamente no futuro. Os milagres de cura de Jesus certamente demonstram que às vezes Deus deseja conceder um antegozo parcial da saúde perfeita que será nossa eternamente. E o ministério de cura visto na vida dos apóstolos e de outros na igreja primitiva também indica que ele era parte do ministério da era da nova aliança. Como tal, ele se encaixa no padrão mais amplo de bênçãos na nova aliança, muitas das quais ou todas fornecem amostras parciais dadas das bênçãos que serão nossas quando Cristo retornar. Nós “já” possuímos algumas das bênçãos do Reino, mas aquelas bênçãos “ainda não” são plenamente nossas.⁸

Talvez exceto por algumas bênçãos que não têm graus, e que são concedidas ou retidas, tais como justificação e adoção, todas as bênçãos da expiação não são completamente concedidas nesta vida. Portanto, quando falamos que a cura não é completamente concedida nesta vida, não estamos tentando diminuir esta bênção, mas é uma questão de sã doutrina.

Alguns podem estar preocupados que afirmar que a cura é soberanamente dispensada por Deus, ao invés de afirmar que a cura completa e universal está agora mesmo disponível significará que experimentaremos menos casos de cura ou que isso enfraquecerá nosso ministério de cura. Nós podemos fazer pelo menos duas observações em resposta.

Primeiro, se estamos realmente corretos em dizer que a cura é soberanamente dispensada por Deus — que Ele decide curar alguns e não curar outros — então, não experimentaremos mais casos de cura, mesmos se crêssemos de outra forma. Se Deus decide não curar uma pessoa, nunca seremos capazes de forçá-Lo a curar a pessoa, não importa o que nossa “fé” diga. Sua crença não muda a natureza da expiação ou como Deus dispensará as bênçãos da expiação. A vontade de Deus determina a realidade — não a sua crença.

Em todo caso, sua crença deve estar de acordo com a vontade de Deus como revelada na Escritura, de forma que você não deve crer em algo porque ele supostamente produzirá melhor os resultados que você quer, mas você deve crer em algo porque a Escritura o ensina. Isto é, você não deve crer em algo sobre Deus porque você quer que Ele seja dessa forma, mas você deve crer em algo sobre Deus porque a Escritura lhe diz que Ele é dessa forma.

Segundo, parece que os ministérios daqueles que crêem que é a vontade de Deus curar completamente todos agora mesmo porque a cura está na expiação não conseguem mais pessoas curadas do que aqueles que crêem que a cura é soberanamente dispensada por Deus. De fato, por alguns relatos, parece que aqueles que afirmam a soberania de Deus

⁸ Grudem, *Systematic Theology*; p. 1063-1064.

freqüentemente têm maior sucesso em ministrar a cura. Em adição, a teologia daqueles que afirmam a soberania de Deus na cura é capaz de relatar casos nos quais o doente não foi curado, enquanto aqueles que afirmam a cura completa e universal também encontram muitos ou até mais de tais casos nos quais as pessoas não são curadas, mas sua teologia não dá satisfações por eles, de forma que eles tendem a dar muitas explicações anti-bíblicas e não convincentes.

Além do mais, a posição sendo exposta aqui — uma abordagem não-cessacionista para cura que dá pleno lugar à soberania de Deus — parece ser a única que é consistente tanto com o registro bíblico diretamente relevante para a cura como com os registros bíblicos com respeito às doutrinas cristãs, especialmente nas áreas da teologia correta, da soteriologia e da escatologia. Por outro lado, as outras posições sobre cura contradizem não somente os registros bíblicos sobre cura, mas também as doutrinas cristãs centrais.⁹

Agora nos voltaremos para a relação entre cura e fé — a Bíblia traça uma íntima relação entre as duas. Por exemplo, em Mateus 9:22, Jesus diz à mulher: “A sua fé a curou”. Vários versículos mais tarde, Jesus diz aos dois homens cegos: “Que lhes seja feito segundo a fé que vocês têm!” E a visão deles foi restaurada” (v. 29-30). Da mesma forma, em Lucas 17:19, Ele diz ao leproso: “A sua fé o salvou”.

Em Atos 14, um paraplégico foi curado sob a pregação de Paulo porque o aleijado tinha fé para ser curado:

Em Listra havia um homem paraplégico dos pés, aleijado desde o nascimento, que vivia ali sentado e nunca tinha andado. Ele ouvira Paulo falar. Quando Paulo olhou diretamente para ele e viu que o homem tinha fé para ser curado, disse em alta voz: “Levante-se! Fique em pé!” Com isso, o homem deu um salto e começou a andar. (v. 8-10)

Então, Tiago 5:15 nos diz: “A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado”. É impossível negar uma relação entre cura e fé. A questão é como isto se encaixa com o que já temos estabelecido sobre a cura divina, a expiação e a soberania de Deus.

Aqueles que afirmam que é a vontade de Deus curar todos que têm fé, porque a expiação está na expiação, freqüentemente dirão que a cura não mais tem a ver com Deus, visto que Ele a tem provido na expiação, de forma que agora ela tem a ver com nós — se temos fé, seremos curados. Embora já tenhamos estabelecido que mesmo quando uma bênção está inclusa na expiação, é Deus quem soberanamente a dispensa como Ele quer, podemos, todavia, tratar diretamente esta questão da fé.

Em resposta à posição que diz: “A cura depende de nós — se temos fé, seremos curados”, podemos perguntar: “Mas a fé depende de nós? De onde a fé vem?”. Não é suficiente responder: “A fé vem por se ouvir a palavra de Deus” (veja Romanos 10:17), pois nem todos que ouvem a palavra de Deus receberão fé, mas muitos são antes endurecidos pela palavra de Deus. Assim, Romanos 10:17 apenas nos diz *os meios*

⁹ Veja Vincent Cheung, *Teologia Sistemática*.

pelos quais a fé vem, mas não nos diz se depende ou não de nós ter fé, e especificamente, se depende ou não de nós ter fé para cura.

A Escritura, de fato, ensina que até mesmo a fé é soberanamente dada por Deus. É Deus quem escolhe dar fé a uma certa pessoa, numa certa ocasião, para um propósito específico. Ouvir a palavra de Deus pode providenciar a ocasião sobre a qual Deus pode soberanamente escolher conceder fé, mas Ele não tem que concedê-la apenas porque a pessoa está ouvindo a palavra de Deus.

Você pode dizer: “Mas a Bíblia não diz que a palavra de Deus não retornará a Ele vazia, mas que ela realizará o que Ele deseja e alcançará o propósito para o qual Ele a enviou (Isaías 55:11)?”. Certamente isso é verdade; contudo, o verso diz que a palavra de Deus realizará tudo o que Deus deseja, e já estabelecemos que Ele nem sempre decide curar. A palavra de Deus produzirá o que Deus deseja — fé naqueles a quem Ele quer curar, e nenhuma fé naqueles a quem Ele não quer curar.

A Bíblia diz que a própria fé é dada por Deus como um dom, e não tomada ou manufaturada pelo homem por sua própria vontade: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9). Em outras palavras, ouvir a palavra de Deus não garante a fé, mas esse é de veras o meio usual pelo qual Deus concede fé conforme Lhe agrade. Jesus é o “autor e consumidor da nossa fé” (Hebreus 12:2), de forma que Ele tem controle completo sobre sua origem e progresso.

De forma correspondente, Romanos 12:3 menciona “a medida da fé que Deus lhe concedeu”. É Deus quem tem te dado a fé que você tem, e Ele tem te dada uma medida específica. Ele não dá a todos a mesma medida de fé, e Ele não concede a todos fé para as mesmas coisas. Este é o porquê o versículo nos fala para estarmos cientes da medida de fé nos dada, e a agir de acordo com ela. A visão bíblica da fé é tal que “ninguém pode se gloriar”; portanto, se sua visão de fé atribui a força de sua fé ao seu próprio esforço ou diligência, ela não é mais um dom soberano, e você teria motivo para se gloriar, e isto mostra que sua visão de fé é anti-bíblica.

Atos 3:16 discute especificamente a fé para cura, e ensina que a fé é algo dado por Deus. Devemos ler primeiro os versos 1-8:

Certo dia Pedro e João estavam subindo ao templo na hora da oração, às três horas da tarde. Estava sendo levado para a porta do templo chamada Formosa um aleijado de nascença, que ali era colocado todos os dias para pedir esmolas aos que entravam no templo. Vendo que Pedro e João iam entrar no pátio do templo, pediu-lhes esmola. Pedro e João olharam bem para ele e, então, Pedro disse: “Olhe para nós!” O homem olhou para eles com atenção, esperando receber deles alguma coisa. Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os tomzelos do homem ficaram firmes. E de um salto pôs-se em pé e começou a andar. Depois entrou com eles no pátio do templo, andando, saltando e louvando a Deus.

Após isso, Pedro explica o milagre de cura às pessoas, dizendo: “Pela fé no nome de Jesus, o Nome curou este homem que vocês vêem e conhecem. *A fé que vem por meio dele* lhe deu esta saúde perfeita, como todos podem ver” (Atos 3:16). Certamente recebemos e ministramos cura pela fé, mas ela é uma fé que vem de Deus!

De acordo com Harold S. Chadwick, “Dr. Charles S. Price teve um dos mais miraculosos ministérios já visto. Tão miraculosos, de fato, que alguns dos milagres verdadeiramente chocavam a imaginação, e fazia a fé de muitos fracassar porque eles eram muito impressionantes”¹⁰. Certamente, isto não garante a validade da sua teologia, pois deveras alguém pode encontrar falhas em muitas de suas declarações. Todavia, podemos estar certos que Charles Price não estava fazendo escusas quando ele fez as seguintes declarações:

Amados, temos errado em nossas atitudes e prática. Quando a luz do sol da graça e da verdade de Deus inundar os nossos corações e mentes, haverá um fim para os nossos esforços, e esses corações serão envoltos em Seu jardim de paz. Nesta hora perceberemos que *nós podemos receber fé somente à medida que Ele a dá*. Não mais nos esforçaremos para crer...Nós temos tornado isso difícil, quando Ele queria tornar fácil. Meu coração tem chorado à medida que tenho visto almas necessitadas esforçando-se tão fortemente para exercitar o que elas pensam ser fé — quando em meu coração eu sei que ela não vem dessa forma.¹¹

A fé real não é nossa habilidade de “considerar como realizado”, mas é a profunda consciência divinamente transmitida ao coração de que está realizado. É a fé que somente Cristo pode dar.¹²

Eu queria que você visse a diferença entre esforço humano para crer, e a fé que é o dom de Deus. Quão muito melhor e mais escriturístico é esperar até que Jesus de Nazaré passe e fale a palavra de fé ao coração necessitado, do que confundir nossa “crença” na cura com a fé que somente Ele pode dar...Nós poderíamos ter ordenado, exortado e implorado — e ela poderia ter esforçado para se levantar, como outros têm feito, no poder da vontade ao invés de no poder da fé. Mas não, há um caminho melhor. É o caminho de Deus. É o caminho da Bíblia.¹³

Por um longo tempo estivemos buscando por fé pelo caminho errado, de forma que peguemos agora o caminho certo que nos conduza à *fé real*. A coisa que quero acima de tudo mais é que você veja que você não pode gerar fé, você não pode causá-la, e você não pode manufaturá-la. *O próprio Deus deve transmiti-la*. Você não pode obter fé esforçando-se ou afirmando que algo é, nem você pode tornar sua esperança e desejo em fé por seu próprio poder. Você pode conseguir fé somente do Senhor...¹⁴

Eu creio que é mais fácil ir a Cristo, e pedir-Lhe pela transmissão de Sua fé, do que tentar causá-la e gerá-la por si próprio. É verdade que em diversas ocasiões

¹⁰ Charles S. Price, *The Real Faith for Healing*; Bridge-Logos Publishers, 1997 (original: 1940); “Prefácio” de Harold S. Chadwick, p. vii.

¹¹ *Ibid.*, p. 6.

¹² *Ibid.*, p. 14.

¹³ *Ibid.*, p. 16-17.

¹⁴ *Ibid.*, p. 29.

o Mestre mencionou a fé das pessoas que vieram a Ele para serem curadas, e em algumas ocasiões Ele as elogiou por causa da fé que elas tinham. Minha questão não é se elas a tinham ou não, mas: onde eles a conseguiram? ¹⁵

Seja qual fosse a fé que tivesse sido me dada durante a noite, foi retirada de mim após eu ter orado por alguém que, na providência e vontade de Deus, estava pronta para receber a bênção que somente Ele pode transmitir...Agora, nenhum cristão é inteiramente destituído de fé. Fé suficiente é implantada no coração para a sua salvação, para obedecer ao Senhor e para fazer as coisas que são agradáveis á Sua vista — mas você é continuamente dependente dEle para a sua perpetuidade.¹⁶

Há um oceano de diferença entre a pessoa deficiente que se esforça e tenta andar, e aquela que procura e ora pela fé pela qual ela poderá andar.¹⁷

Nós poderíamos preferir maior precisão em várias das declarações acima, mas Price está essencialmente correto — nós recebemos e ministramos cura pela fé, mas em todo caso, a própria fé vem da graça de Deus, ao invés de vir da vontade do homem.

Isto não quer dizer que estamos totalmente à mercê de Deus quando diz respeito à cura, que somos curados de acordo com a Sua vontade, e não por nossa decisão? Paulo parece pensar assim quando ele fala sobre Epafrodito, e aparentemente considera a cura uma questão de misericórdia de Deus, de forma que Ele soberanamente decide em cada caso curar ou não curar: “De fato, ficou doente e quase morreu. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza” (Filipenses 2:27).

Embora muitos possam considerar uma coisa terrível estar à mercê de Deus, os cristãos regozijam-se no fato de que o nosso Deus reina sobre todas as coisas, mesmo sobre a doença e a saúde, e sobre a fé e a cura. Saber que Deus é soberano no reino da cura não deveria nos desencorajar; antes, deveria nos incitar a orar a Ele por milagres de cura: “Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo servo Jesus” (Atos 4:30).

¹⁵ Ibid., p. 53.

¹⁶ Ibid., p. 67.

¹⁷ Ibid., p. 70.

2. CURA E AUTORIDADE

Mateus 8:5-13 registra um incidente que ilustra o lugar da autoridade espiritual na cura de um doente:

Entrando Jesus em Cafarnaum, dirigiu-se a ele um centurião, pedindo-lhe ajuda. E disse: “Senhor, meu servo está em casa, paralítico, em terrível sofrimento”. Jesus lhe disse: “Eu irei curá-lo”. Respondeu o centurião: “Senhor, não mereço receber-te debaixo do meu teto. Mas diz apenas uma palavra, e o meu servo será curado. Pois eu também sou homem sujeito à autoridade e com soldados sob o meu comando. Digo a um: Vá, e ele vai; e a outro: Venha, e ele vem. Digo a meu servo: Faça isto, e ele faz”. Ao ouvir isso, Jesus admirou-se e disse aos que o seguiam: “Digo-lhes a verdade: Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé. Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus. Mas os súditos do Reino serão lançados para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes”. Então Jesus disse ao centurião: “Vá! Como você creu, assim lhe acontecerá!” Na mesma hora o seu servo foi curado.

Como um centurião, o homem entendia algo sobre autoridade. Ele entendeu que ele tinha o direito de distribuir ordens aos seus soldados e seus servos, e visto que ele tinha a autoridade para dar aquelas ordens, estes soldados e servos deviam obedecer-lhe.

O centurião entendeu a natureza e a operação da autoridade no ambiente militar e social. Mas então ele teve um *insight* extraordinário sobre Jesus — a saber, que Jesus tinha autoridade sobre a doença. Embora o governo pudesse dar a esse centurião autoridade sobre soldados, nenhum governo humano poderia lhe dar autoridade sobre a doença. Mas o centurião percebeu que Jesus tinha essa autoridade especial. Ele também percebeu que essa autoridade divina podia funcionar através de ordens, e assim, tudo o que ele necessitava era que Jesus expelisse a ordem: “Dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado”.

A isto, Jesus responde: “Digo-lhes a verdade: Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé... Vá! Como você creu, assim lhe acontecerá!”. O centurião exibiu o padrão de grande fé — ele reconheceu e confiou na autoridade de Cristo. Consistente com o que temos discutido no capítulo anterior, esta é a base para se receber a cura — Deus é soberano sobre tudo, incluindo a doença e a saúde.

Nosso entendimento da natureza e operação da autoridade também forma a base para se ministrar cura. Isto é, Cristo é capaz de delegar Sua autoridade a outros, de forma que eles possam ministrar cura em Seu nome. Por exemplo, Mateus 10:1,5-8 diz:

Chamando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsar espíritos imundos e curar todas as doenças e enfermidades...Jesus enviou os doze com as seguintes instruções: “Não se dirijam aos gentios, nem entrem em cidade alguma dos samaritanos. Antes, dirijam-se às ovelhas perdidas de Israel. Por onde forem, preguem esta mensagem: O Reino dos céus está próximo. 8 Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; dêem também de graça.

Em outra passagem, Jesus envia setenta e dois discípulos com uma comissão similar: “Depois disso o Senhor designou outros setenta e dois e os enviou dois a dois, adiante dele, a todas as cidades e lugares para onde ele estava prestes a ir... Curem os doentes que ali houver e digam-lhes: ‘O Reino de Deus está próximo de vocês’” (Lucas 10:1,9). Eles então retornaram no versículo 17 para relatar o seu sucesso, dizendo: “Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome” (Lucas 10:17).

Demônios e doenças obedeceram esses discípulos de Jesus porque os discípulos estavam ministrando em Seu nome. Os discípulos não tinham qualquer autoridade sobre demônios e doenças em si mesmos, pois, em última análise, somente Deus possui tal autoridade; todavia, os discípulos foram eficazes em ministrar porque eles foram enviados por Cristo, tendo recebido autoridade dEle para pregar e curar.

Após a ressurreição e a ascensão de Jesus, os primeiros discípulos continuaram a exercer a autoridade espiritual lhes dada. Por exemplo, logo após o Pentecoste, “certo dia Pedro e João estavam subindo ao templo na hora da oração, às três horas da tarde” (Atos 3:1). Eles encontraram um homem que era “aleijado de nascença” (Atos 3:2), e que “estava sendo levado para a porta do templo chamada Formosa, onde era ali colocado todos os dias para pedir esmolas aos que entravam no templo” (Atos 3:2). A passagem continua:

Vendo que Pedro e João iam entrar no pátio do templo, pediu-lhes esmola. Pedro e João olharam bem para ele e, então, Pedro disse: “Olhe para nós!” O homem olhou para eles com atenção, esperando receber deles alguma coisa. Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes. E de um salto pôs-se em pé e começou a andar. Depois entrou com eles no pátio do templo, andando, saltando e louvando a Deus. Quando todo o povo o viu andando e louvando a Deus, reconheceu que era ele o mesmo homem que costumava mendigar sentado à porta do templo chamada Formosa. Todos ficaram perplexos e muito admirados com o que lhe tinha acontecido. (Atos 3:3-10)

Quando o povo ao redor expressou seu espanto por esse milagre de cura, Pedro disse: “Vendo isso, Pedro lhes disse: ‘Israelitas, por que isto os surpreende? Por que vocês estão olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar por nosso próprio poder ou piedade?... Pela fé no nome de Jesus, o Nome curou este homem que vocês vêem e conhecem. A fé que vem por meio dele lhe deu esta saúde perfeita, como todos podem ver’” (v. 12, 16).

Nós não temos o poder de curar em nós mesmos, e não é por causa de nossa santidade especial que Deus nos curará ou nos dará o ministério de cura. É através da fé no nome de Jesus que a cura vem, e até mesmo esta fé não vem de nós, mas é uma fé que vem através dEle. Portanto, não importa quando um milagre ocorra, podemos realmente dar a Deus todo o crédito por ele, visto que é somente através da ação soberana de Deus em nossas mentes que teremos fé, e é somente através da ação soberana de Deus em nossos corpos que seremos curados.

Após isso, os líderes religiosos daqueles dias agarraram os apóstolos e exigiram: “Com que poder ou em nome de quem vocês fizeram isso?” (Atos 4:7). Em outras palavras, eles estavam perguntando: “Quem lhes deu esse poder? Pela autoridade de quem vocês fazem isso?” Os apóstolos replicaram: “Visto que hoje somos chamados para prestar contas de um ato de bondade em favor de um aleijado, sendo interrogados acerca de como ele foi curado, saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos, este homem está aí curado diante dos senhores” (Atos 4:9-10).

Assim, há uma relação entre autoridade espiritual e cura bíblica. Os seres humanos não têm a autoridade dentro de si mesmos para realizarem milagres de cura — tal autoridade pertence somente a Deus. Contudo, Deus o Filho tem delegado uma medida de autoridade aos Seus discípulos para ministrar cura em Seu nome. Por outro lado, seria fútil para aqueles que não têm autoridade delegada por Deus ministrar cura, e quando a situação envolve poder demoníaco, pode ser perigoso operar sem genuína autoridade espiritual:

Alguns judeus que andavam expulsando espíritos malignos tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os endemoninhados, dizendo: “Em nome de Jesus, a quem Paulo prega, eu lhes ordeno que saiam!” Os que estavam fazendo isso eram os sete filhos de Ceva, um dos chefes dos sacerdotes dos judeus. Um dia, o espírito maligno lhes respondeu: “Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?” Então o endemoninhado saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos. (Atos 19:13-16)

A evidência bíblica afirma que os cristãos de hoje também têm autoridade para ministrar cura. Por exemplo, temos a seguinte comissão de Jesus para todos os crentes:

E disse-lhes: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados”. (Marcos 16:15-18)

Outra passagem que estende a autoridade para curar para além dos primeiros discípulos é Tiago 5:14-15, que diz: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado”.

Os presbíteros devem “orar sobre” a pessoa doente “em nome do Senhor”. Hoje em dia muitos presbíteros de igreja não percebem ou não reconhecem que uma de suas responsabilidades é orar pelas pessoas doentes em suas igrejas, com a expectativa de que Deus os curará segundo a Sua vontade e decreto. Se eles comessem a obedecer a Escritura, um novo surgimento de poder divino de cura fluiria entre suas congregações.

Nós temos mais o que dizer sobre métodos de ministrar cura, mas por ora, estamos preocupados somente em mostrar que todos os cristãos têm a autoridade para ministrar

cura ao doente, e que de fato é uma das responsabilidades oficiais dos presbíteros de igrejas orar pelas pessoas doentes em suas congregações.

Esta autoridade pertence somente aos cristãos. Sua operação não descansa sobre a mera menção do nome de Cristo, mas sobre a identidade da pessoa que fala, visto que nem todos que pronunciam o nome de Cristo foram de fato autorizados por Cristo. A passagem de Atos 19, já citada acima, ilustra isso. Parece que estes judeus tinham testemunhado a autoridade que Paulo tinha sobre a doença e os demônios em nome de Jesus, e eles tentaram usar o nome sem ter um relacionamento real com Aquele cujo nome eles estavam usando. Visto que eles nunca tiveram fé em Cristo, e nunca foram cristãos, eles nunca tiveram autoridade para usar o nome de Cristo para realizar milagres de cura. Visto que eles nunca tiveram fé em Cristo, e nunca foram cristãos, eles não tinham autoridade para usar o nome de Cristo para realizar milagres de cura. Os demônios não temeram atacá-los.

Agora, Cristo autorizou os apóstolos para curar em pessoa. Embora possa ser verdade que os apóstolos tiveram autoridade espiritual única, que nenhum crente subsequente pode sequer rivalizar, os cristãos devem perceber que é desnecessário para Cristo autorizar individualmente cada crente para realizar milagres de cura, pois Ele já o fez através da Escritura. E visto que a Escritura é a palavra de Deus, ela é tão autoritativa como Deus falando — não há diferença. Portanto, todos os que têm fé em Cristo podem exercitar a autoridade para curar em Seu nome.

Mesmo durante o começo do ministério de Cristo, havia um homem que usava o nome de Jesus sem Sua autorização direta, mas, todavia, com Sua aprovação: “Disse João: ‘Mestre, vimos um homem expulsando demônios em teu nome e procuramos impedi-lo, porque ele não era um dos nossos’. ‘Não o impeçam’, disse Jesus, ‘pois quem não é contra vocês, é a favor de vocês’” (Lucas 9:49-50).

Os apóstolos queixaram-se a Jesus de que o homem não tinha sido Seu discípulo imediato, mas ele estava expelindo demônios através do Seu nome. A Bíblia não diz se ele teve sucesso ou não, mas pela resposta de Cristo, parece que ele foi provavelmente bem-sucedido. Parece que esse homem operou no nome de Cristo a partir de uma base diferente daqueles dos judeus em Atos 19. Ele não usou o nome como um mantra impessoal ou mágico, mas ele parece ter operado como alguém que cria na mensagem e ministério de Cristo. Se Jesus deu Sua aprovação a esse homem para continuar fazendo o bem em Seu nome, quanto mais nós deveríamos estar fazendo as mesmas coisas como cristãos, tendo sido comissionados e autorizados para pregar e curar em Seu nome?

Mateus 7:21-23 é algumas vezes citado contra aqueles que realizam milagres de cura em nome de Jesus:

Nem em todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!’.

Contudo, essa passagem não deveria ser usada contra cristãos genuínos que ministram cura aos doentes em nome de Jesus. Alguns crêem que esta passagem se refere aos praticantes da Nova Era, que freqüentemente invocam o nome de Jesus, embora suas crenças sejam hostis aos Cristianismo. Em todo caso, o contexto desta passagem mostra que Jesus está se referindo aos falsos profetas e não aos cristãos de forma alguma. Os versos 15-20 dizem o seguinte:

Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!

Em adição, note que Jesus diz a essas pessoas, “Nunca os conheci”, de forma que elas não são cristãs de forma alguma, mas são impostores. Portanto, é um engano usar essa passagem contra cristãos genuínos que ministram cura em nome de Cristo. De fato, Jesus diz em Marcos 9:39: “Ninguém que faça um milagre em meu nome, pode falar mal de mim logo em seguida”. Dito isso, mais do que uns poucos “evangelistas de cura” de nossos dias podem deveras se encontrar sob a condenação de Cristo por causa de suas falsas doutrinas e práticas afrontosas.

3. CURA E MINISTÉRIO

Visto que temos estabelecido o fundamento teológico para o ministério de cura nos capítulos anteriores, podemos agora considerar diversos métodos bíblicamente aprovados de cura por meio dos quais Deus pode liberar Seu poder entre nós. Em adição, eu farei algumas considerações elementares sobre os protocolos de ministério e as estruturas de autoridade relacionadas ao ministério de cura.

O ministério de cura freqüentemente envolve a imposição de mãos. Isto é, aquele que ministra a cura coloca as suas mãos sobre a pessoa doente, e isto é freqüentemente acompanhado por uma oração ou uma ordem de cura.

Jesus freqüentemente impôs as mãos sobre os doentes durante o Seu ministério terreno: “Ao pôr-do-sol, o povo trouxe a Jesus todos os que tinham vários tipos de doenças; e ele os curou, impondo as mãos sobre cada um deles” (Lucas 4:40). Os primeiros discípulos também seguiram Seu exemplo:

Próximo dali havia uma propriedade pertencente a Públio, o homem principal da ilha. Ele nos convidou a ficar em sua casa e, por três dias, bondosamente nos recebeu e nos hospedou. Seu pai estava doente, acamado, sofrendo de febre e disenteria. Paulo entrou para vê-lo e, depois de orar, impôs-lhe as mãos e o curou. Tendo acontecido isso, os outros doentes da ilha vieram e foram curados.

Seguindo os exemplos de Jesus e dos apóstolos, muitos ministros de cura contemporâneos têm adotado a imposição de mãos como uma parte integral do que eles fazem quando ministrando aos doentes. Isto é obedecer e aplicar as palavras de Jesus, faladas antes de Sua ascensão: “Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados” (Marcos 16:17-18). Assim, para ministrar cura ao doente, tudo o que você tem que fazer é colocar suas mãos sobre a pessoa doente e pedir a Deus para curá-la.

Algumas vezes quando você impõe as mãos sobre o doente, você pode sentir um emergir de poder nas ou através de suas mãos. Embora isso possa te excitar grandemente para sentir o que você percebe ser o poder de Deus, a Escritura não dá nenhum encorajamento para você medir por seus sentimentos a intensidade do poder de Deus presente numa determinada situação. Ter a sensação especial em suas mãos não garante que a pessoa doente por quem você está orando será curada, e quando você não tem sensações extraordinárias em suas mãos não significa que o poder de Deus é fraco ou esteja ausente naquele momento.

A imposição de mãos é um método bíblico e popular, e muitos o tem adotado como o seu procedimento usual; todavia, o contato físico não é necessário quando ministrando a cura. Deus pode curar numa ocasião de uma declaração ou ordem direta à pessoa doente ou à doença, como evidenciado pelo ministério de Jesus e dos apóstolos.

Considere o exemplo de Jesus e o centurião no capítulo anterior. Nenhum contato físico foi necessário — a pessoa doente estava absolutamente em outro lugar:

Entrando Jesus em Cafarnaum, dirigiu-se a ele um centurião, pedindo-lhe ajuda. E disse: “Senhor, meu servo está em casa, paralítico, em terrível sofrimento”. Jesus lhe disse: “Eu irei curá-lo”. Respondeu o centurião: “Senhor, não mereço receber-te debaixo do meu teto. Mas dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado... Então Jesus disse ao centurião: “Vá! Como você creu, assim lhe acontecerá!” Na mesma hora o seu servo foi curado. (Mateus 8:5-8,13)

Em outra ocasião, Jesus curou um homem com uma “mão atrofiada”. Ele estava perto do homem, mas não lhe tocou:

Jesus disse ao homem da mão atrofiada: “Levante-se e venha para o meio”. Depois Jesus lhes perguntou: “O que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar a vida ou matar?” Mas eles permaneceram em silêncio. Irado, olhou para os que estavam à sua volta e, profundamente entristecido por causa do coração endurecido deles, disse ao homem: “Estenda a mão”. Ele a estendeu, e ela foi restaurada. (Marcos 3:3-5)

Os apóstolos freqüentemente realizaram milagres de cura numa forma similar, expelindo ordens de cura em nome de Jesus:

Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes. (Atos 3:6-7)

Ela continuou fazendo isso por muitos dias. Finalmente, Paulo ficou indignado, voltou-se e disse ao espírito: “Em nome de Jesus Cristo eu lhe ordeno que saia dela!” No mesmo instante o espírito a deixou. (Atos 16:18)

O fato de que Jesus nos autorizou para curar significa que temos a “licença” para ministrar cura ao doente, mas visto que não temos a autoridade espiritual única de Cristo e dos apóstolos, é sempre correto para nós ordenar autoritativamente que a cura ocorra, como eles faziam?

Em princípio, não há nada de errado em ordenar que a cura ocorra em nome de Jesus. Contudo, isso não significa que podemos indiscriminadamente ordenar que a cura ocorra e que todos a quem ministrarmos dessa forma serão curados. Isto é onde muitos têm se tornado confusos; assim, uma explicação é necessária.

Primeiro, embora pareça que a fé e a cura não tenham uma relação estritamente proporcional, há de fato uma forte relação entre as duas. Com isso em mente, leremos Mateus 17:14-20:

Quando chegaram onde estava a multidão, um homem aproximou-se de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse: “Senhor, tem misericórdia do meu filho. Ele tem ataques e está sofrendo muito. Muitas vezes cai no fogo ou na água. Eu o trouxe aos teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo”. Respondeu Jesus: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei com vocês? Até quando terei que suportá-los? Tragam-me o menino”. Jesus repreendeu o demônio; este saiu

do menino que, daquele momento em diante, ficou curado. Então os discípulos aproximaram-se de Jesus em particular e perguntaram: “Por que não conseguimos expulsá-lo?” Ele respondeu: “Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu lhes asseguro que se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: ‘Vá daqui para lá’, e ele irá. Nada lhes será impossível.

Jesus tinha dito coisas similares em outro lugar:

Jesus respondeu: “Eu lhes asseguro que, se vocês tiverem fé e não duvidarem, poderão fazer não somente o que foi feito à figueira, mas também dizer a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e assim será feito. (Mateus 21:21)

Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito. (Marcos 11:23)

Ele respondeu: “Se vocês tiverem fé do tamanho de uma semente de mostarda, poderão dizer a esta amoreira: ‘Arranque-se e plante-se no mar’, e ela lhes obedecerá. (Lucas 17:6)

Agora, Jesus diz, “se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: ‘Vá daqui para lá’, e ele irá”. Aplicando isto à cura, seria justo dizer que se você tiver fé “do tamanho de um grão de mostarda”, então qualquer doença ou demônio será removido à sua ordem.

Quando os discípulos vieram à Jesus e perguntaram porque eles tinham falhado em expulsar o demônio do jovem garoto, Jesus respondeu: “Porque a fé que vocês têm é pequena”. Mas então Ele disse que até mesmo uma fé “do tamanho de um grão de mostarda” pode remover montanhas! A implicação necessária é que neste caso, os discípulos não tinham fé nem mesmo tão pequena como um “grão de mostarda”. Em outras palavras, Jesus estava dizendo que quase qualquer quantidade de fé genuína pode remover montanhas, de forma que o fato de que os discípulos falharam significa que eles não tinham a fé necessária, embora pequena, para expelir demônios.

Isso explica porque você pode ordenar com sucesso que a cura ocorra numa pessoa com câncer, e então falhar em fazer o mesmo exatamente na próxima pessoa que tinha nada mais do que um resfriado. Algumas pessoas assumem e ensinam que uma vez que você tenha alcançado um certo nível de fé para cura, então essa fé estará sempre presente para ser aplicada em qualquer indivíduo. Mas se isso é verdade, então uma vez que você tenha ordenado com sucesso que a cura ocorra numa pessoa com diversas doenças, a partir de então você nunca deveria falhar em ordenar com sucesso que a cura ocorra em quem quer que seja. Contudo, se você falhar ao menos uma vez, então, não importa qual tipo de sucesso você tenha alcançado antes, neste caso particular quando você falhou, você não teve uma fé maior nem mesmo do que um “grão de mostarda”. Novamente, Jesus insistiu que se você tiver até mesmo uma fé do tamanho de um “grão de mostarda”, você será capaz de mover montanhas; portanto, necessariamente segue-se que se você falhar em remover uma doença por uma ordem, você não tem fé nem mesmo do tamanho de um “grão de mostarda”.

Como isso é possível? Já temos estabelecido a resposta no primeiro capítulo. Isto é, Deus não somente é soberano sobre a doença e a saúde, mas Ele é soberano também sobre a própria fé. Sua ordem por cura é eficaz somente quando Deus lhe dá a fé naquele momento para fazer esta ordem; de outra forma, sua declaração será sem poder. Certamente, qualquer um pode dizer as palavras a qualquer hora, mas para uma ordem ser eficaz, no momento você tem que ter “fé que vem por meio dele” (Atos 3:16). Fé é um dom de Deus, dado pela soberana graça de Deus; ela não pode ser manufaturada por sua vontade ou diligência. “Para que, como está escrito: “Quem se gloriar, glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:31). Você não pode se gloriar dos milagres de cura que ocorrem sob o seu ministério, pois até mesmo sua fé para cura vem da vontade soberana de Deus.

O que isto diz sobre o uso de ordem em nosso ministério de cura? Ken Blue faz os seguintes comentários:

Ao ler o Novo Testamento, eu inicialmente me perturbei ao ver que Jesus curava os doentes e expulsava os demônios de uma forma muito diferente da forma como o fazemos hoje. Todo o ministério de cura com o qual eu estava familiar dependia largamente de oração. Jesus curava primariamente por ordem. Diferentemente de Seus seguidores hoje, Ele não pedia por cura; Ele a pronunciava...Numa ocasião eu observei as pessoas pronunciando a cura em nome de Jesus com sucesso dramático, mas eu não sei de ninguém hoje que consistente e eficazmente siga o padrão de Jesus...A igreja primitiva fez as obras de Cristo, mas como veremos, ela as fez diferentemente dEle.

Às vezes, uma ordem em nome de Jesus era suficiente para curar (Atos 3:6, mas começando no Livros de Atos, encontramos a oração como sendo o método geral da igreja por cura. Pedro orou por Tabita em Atos 9:40. Paulo orou antes de curar o pai de Públio em Atos 28:8.

Tiago também nota que se alguém está doente, eles devem chamar os presbíteros da igreja. Aqueles presbíteros devem orar em nome do Senhor e a oração de fé curará a pessoa doente (Tiago 5:14-15). Desde os dias antigos até agora, a oração tem sido essencial para o ministério de cura da igreja. Assim, ao desenvolver modelos de cura dentro da comunidade evangélica, devemos esperar que a oração em nome de Jesus seja central.¹⁸

Mesmo que as passagens não sejam conclusivas, Atos 9:40 e Atos 28:8 pelo menos parece mostrar que os apóstolos não tinham tanta liberdade e autoridade como o próprio Jesus tinha no ministério de cura. Pedro orou antes de dizer para Tabita se levantar, e Paulo orou antes de impor suas mãos sobre o pai de Públio. Certamente, o próprio Jesus teve tempos gerais de oração, mas estes dois exemplos têm os apóstolos orando imediatamente antes dos milagres de cura ocorrerem, e é seguro assumir que suas orações tinham a ver com as situações que eles estavam enfrentando naquele instante. Isto não se assemelha ao padrão de como Jesus ministrava a cura, mas antes com como Elias e Eliseu ministravam a cura:

¹⁸ Ken Blue, *Authority to Heal*; InterVarsity Press, 1987; p. 121-122.

Algum tempo depois o filho da mulher, dona da casa, ficou doente, foi piorando e finalmente parou de respirar. E a mulher reclamou a Elias: “Que foi que eu te fiz, ó homem de Deus? Vieste para lembrar-me do meu pecado e matar o meu filho?”. “Dê-me o seu filho”, respondeu Elias. Ele o apanhou dos braços dela, levou-o para o quarto de cima onde estava hospedado, e o pôs na cama. Então clamou ao SENHOR: “Ó SENHOR, meu Deus, trouxeste também desgraça sobre esta viúva, com quem estou hospedado, fazendo morrer o seu filho?”. Então ele se deitou sobre o menino três vezes e clamou ao SENHOR: “Ó SENHOR, meu Deus, faz voltar a vida a este menino!”. O SENHOR ouviu o clamor de Elias, e a vida voltou ao menino, e ele viveu. (1 Reis 17:17-22)

Quando Eliseu chegou à casa, lá estava o menino, morto, estendido na cama. Ele entrou, fechou a porta e orou ao SENHOR. Depois deitou-se sobre o menino, boca a boca, olhos com olhos, mãos com mãos. Enquanto se debruçava sobre ele, o corpo do menino foi se aquecendo.

35 Eliseu levantou-se e começou a andar pelo quarto; depois subiu na cama e debruçou-se mais uma vez sobre ele. O menino espirrou sete vezes e abriu os olhos. (2 Reis 4:32-35)

Parece que a única coisa que Jesus fez que chega perto do exposto acima foi quando Ele ressuscitou Lázaro dentre os mortos:

Então tiraram a pedra. Jesus olhou para cima e disse: “Pai, eu te agradeço porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves, mas disse isso por causa do povo que está aqui, para que creia que tu me enviaste”. Depois de dizer isso, Jesus bradou em alta voz: “Lázaro, venha para fora!”. (João 11:41-43)

Contudo, o próprio Jesus disse que Sua oração, que não foi nem mesmo uma petição, era desnecessária. Isso implica que Ele poderia ter ordenado que Lázaro levantasse dos mortos sem a oração, mas Ele orou somente para o benefício daqueles que estavam ao Seu redor.

Logo no início desse capítulo citamos Mateus 17:14-20, no qual a Escritura registra o fracasso dos discípulos em expulsar um espírito maligno. Marcos 9:14-29 é a passagem paralela, mas ela inclui algo a mais do que Jesus disse:

Quando Jesus viu que uma multidão estava se ajuntando, repreendeu o espírito imundo, dizendo: “Espírito mudo e surdo, eu ordeno que o deixe e nunca mais entre nele”. O espírito gritou, agitou-o violentamente e saiu. O menino ficou como morto, ao ponto de muitos dizerem: “Ele morreu”. Mas Jesus tomou-o pela mão e o levantou, e ele ficou em pé. Depois de Jesus ter entrado em casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: “Por que não conseguimos expulsá-lo?” Ele respondeu: “Essa espécie só sai *pela oração*”. (v. 25-29)

O versículo 29 enfatiza uma diferença entre a autoridade e o ministério de Cristo e a autoridade e ministério de Seus discípulos. Enquanto Cristo nos diz que eles precisariam orar para expelir o espírito maligno, o próprio Cristo não orou; antes, como Matthew Henry observa, “Cristo pode fazer isso com uma palavra pronunciada”.¹⁹

¹⁹ *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible, Vol. 5*; Hendrickson Publishers, 1991; p. 413. Alguns ministros pensam que Cristo está exortando Seus discípulos a terem uma vida de oração normal e regular, e que se eles tivessem sido fiéis em sua oração diária, eles teriam sido capazes de expulsar o

Eu estou apontando a distinção entre a autoridade de Cristo e a autoridade de Seus discípulos não para menosprezar o potencial dos nossos ministérios de cura, ou para fazer escusas de nossos fracassos. De fato, eu creio que Deus pode curar cânceres e até mesmo ressuscitar mortos quando oramos para Ele agir. O que Cristo realizou com autoridade, nós podemos pedir-Lhe que faça o mesmo hoje (João 14:14), e Ele pode algumas vezes realizar esses atos fazendo-nos dar ordens autoritativas em Seu nome.

Antes, é apropriado e bíblico fazer a distinção acima, de forma a exaltar o ministério superior e a autoridade única de Cristo apontando a verdade — que somente Jesus Cristo é Senhor sobre a doença e a saúde. Se o Senhor da doença e da saúde Se agradar de nos conceder um surgimento especial de fé e poder para ordenar que a cura aconteça em uma pessoa — ou em centenas de pessoas — então assim será. Nós daremos a ordem, e será feito.

Fora isso, podemos sempre confiar em nosso acesso sacerdotal ao trono da graça, e fazer petições por milagres de cura: “Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo servo Jesus” (Atos 4:30). Contrário àqueles que advogam que deveríamos ministrar cura somente ou principalmente ordenando que a cura aconteça, não há nada de errado ou fraco em colocar nossas mãos sobre a pessoa doente, e dizer: “Pai, Tu és soberano tanto sobre a doença como sobre a saúde. Eu Lhe peço para mostrar misericórdia a esta pessoa, e curá-la para a Sua glória”. Essa postura bíblica remove a pressão e o orgulho daqueles que ministram cura, guardando em mente que Jesus Cristo é o autor da cura e o autor da fé.

Quando o apóstolo Tiago deixa instruções sobre o ministério de cura para aqueles que não eram apóstolos, mas presbíteros da igreja, ele escreve: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado” (Tiago 5:14-15). O apóstolo faz dessa uma regra universal, ou seja, que os presbíteros da igreja deveriam continuar o ministério de cura de Cristo primariamente fazendo petições a Deus por cura em nome de Cristo.

Quando ministramos ao doente, estamos pedindo a Cristo as mesmas coisas que Ele fez quando estava sobre a terra (João 14:14), de forma que Pedro corretamente diz ao paraplético em Atos 9:34: “*Jesus Cristo* vai curá-lo”. Tiago diz que quando ministramos ao doente, estamos pedindo *ao Senhor* para levantá-lo. Novamente, isto não exclui o lugar de ordenar que a cura aconteça, mas parece fazer que as petições sejam centrais no ministério de cura contínuo da igreja.

Para mostrar que essa atitude de cura tinha sido sempre a atitude bíblica antes de Cristo e dos apóstolos, e que tal atitude não é de forma alguma fraca em liberar o poder curador de Deus, podemos examinar diversos exemplos de orações por cura no Antigo Testamento.

espírito maligno. Mas o verso não diz tal coisa; antes, parece que Cristo tentou dizer, em efeito: “Vocês podem expulsar esse tipo de espírito maligno somente pela oração a Deus (ao invés de ordenar que ele saia)”. Por outro lado, o próprio Cristo exibe uma autoridade e um ministério superior ao expulsar o espírito com uma simples ordem.

Em Gênesis 20:17, Abraão orou a Deus em favor de Abimeleque: “A seguir Abraão orou a Deus, e Deus curou Abimeleque, sua mulher e suas servas, de forma que puderam novamente ter filhos”. Isaque orou por sua esposa, Rebeca, e Deus a curou de sua esterilidade: “Isaque orou ao SENHOR em favor de sua mulher, porque era estéril. O SENHOR respondeu à sua oração, e Rebeca, sua mulher, engravidou” (Gênesis 20:21). Ana também era estéril, mas ela orou e Deus abriu a sua madre (1 Samuel 1).

Em 2 Reis 20:6, o Rei Ezequias estava enfermo, e o profeta Isaías veio lhe dizer que ele iria morrer. Mas Ezequias orou, e Deus enviou Isaías de volta para anunciar que Deus adicionaria quinze anos à vida do rei:

Naquele tempo Ezequias ficou doente e quase morreu. O profeta Isaías, filho de Amoz, foi visitá-lo e lhe disse: “Assim diz o SENHOR: ‘Ponha em ordem a sua casa, pois você vai morrer; não se recuperará’”. Ezequias virou o rosto para a parede e orou ao SENHOR: “Lembra-te, SENHOR, como tenho te servido com fidelidade e com devoção sincera. Tenho feito o que tu aprovas”. E Ezequias chorou amargamente. Antes de Isaías deixar o pátio intermediário, a palavra do SENHOR veio a ele: “Volte e diga a Ezequias, líder do meu povo: Assim diz o SENHOR, Deus de Davi, seu predecessor: Ouvei sua oração e vi suas lágrimas; eu o curarei...Acrescentarei quinze anos à sua vida...”. (2 Reis 20:1-6)

A Bíblia registra um incidente interessante em 1 Reis 13, onde Deus exigiu um julgamento instantâneo sobre um rei, de forma que seu braço ficou “paralisado”, e então Deus o restaurou quando o profeta a quem Ele tinha enviado orou pelo rei:

Quando o rei Jeroboão ouviu o que o homem de Deus proclamava contra o altar de Betel, apontou para ele e ordenou: “Prendam-no!” Mas o braço que ele tinha estendido ficou paralisado, e não voltava ao normal. Além disso, o altar se fendeu, e as suas cinzas se derramaram, conforme o sinal dado pelo homem de Deus por ordem do SENHOR. Então o rei disse ao homem de Deus: “Interceda junto ao SENHOR, o seu Deus, e ore por mim para que meu braço se recupere”. O homem de Deus intercedeu junto ao SENHOR, e o braço do rei recuperou-se e voltou ao normal. (2 Reis 13:4-6)

Nenhum dos milagres acima foi um milagre pequeno, e eles são na maior parte sem rivais com os ministros contemporâneos de cura, que insistem que ordenar que a cura aconteça deve ser a atitude predominante. Por outro lado, a Bíblia parece apoiar nossa conclusão de que Deus tem nos dado autoridade para ministrar cura aos doentes, e ter tal autoridade significa que, entre outras coisas, podemos impor nossas mãos sobre os doentes e orar para Deus curá-los.

Como, então, devemos orar? Certamente é correto pedir a cura para Deus, e devemos nos aproximar dEle com o pedido simples para que Ele dê saúde física em tempo de necessidade...Mas quando oramos pedindo cura precisamos lembrar que devemos orar a Deus para que Ele seja glorificado na situação, quer Ele resolva curar ou não. E também devemos orar com a mesma compaixão que

Jesus sentiu por aqueles por quem orou. Quando oramos assim, Deus às vezes — e talvez em muitas ocasiões — concede respostas às nossas orações.²⁰

Uma das áreas mais fracas em muitos ministérios de cura é o “ministério da palavra” (Atos 6:2,4). Certamente, muitos ministros de cura são muito fracos quando diz respeito ao conhecimento teológico geral, mas muitos deles são deficientes até mesmo no que diz respeito à teologia da cura. Portanto, além de entender mal cada aspecto da cura bíblica, eles freqüentemente falham em enfatizar o ministério da palavra como um meio de trazer cura à congregação. Isto é deveras trágico, visto que todos cristãos deveriam honrar os ministérios doutrinários acima de todos os outros ministérios.

O ministério da palavra é eficaz para liberar todos os benefícios da salvação. O apóstolo Paulo declara em 1 Coríntios 1:21: “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêm por meio da loucura da pregação”. Em outro lugar, ele diz: “No devido tempo, ele trouxe à luz a sua palavra, por meio da pregação a mim confiada” (Tito 1:3). Deus tem providenciado salvação através de Cristo, mas nós conhecemos sobre ela através dos ministérios doutrinários que Ele tem ordenado. Assim, Paulo argumenta em Romanos 10:14: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue?”.

Embora todo cristão seja um “sacerdote” no sentido de que Ele pode se aproximar de Deus sem ir através de outro cristão (1 Pedro 2:9; Apocalipse 1:6), é, todavia, verdade, que Deus tem especialmente escolhido alguns cristãos para serem “ministros da palavra” num sentido inaplicável à maioria dos cristãos (Lucas 1:2; Efésios 4:11-16). Através destes ministros, Deus concede aos cristãos *insights* do Seu plano e benefícios redentores que resultam da obra expiatória de Cristo. Deus é freqüentemente agradado de comunicar informação escriturística e manifestar Seu poder por meio da pregação desses ministros.

Diversos casos registrados no Novo Testamento ilustram que o poder de Deus é algumas vezes manifestado no contexto do ministério da palavra:

Lucas 5:17 diz que enquanto Jesus estava “ensinando... o poder do Senhor estava com ele para curar os doentes”. Em Atos 8, muitas pessoas foram curadas à medida que Filipe lhes pregava: “Os que haviam sido dispersos pregavam a palavra por onde quer que fossem. Indo Filipe para uma cidade de Samaria, ali lhes anunciava o Cristo. Quando a multidão ouviu Filipe e viu os sinais miraculosos que ele realizava, deu unânime atenção ao que ele dizia” (v. 4-6).

Em Atos 14, um homem que tinha sido “paralítico dos pés, aleijado desde o nascimento e que nunca tinha andado” foi curado quando ele estava ouvindo Paulo pregar e respondeu às instruções de Paulo: “Em Listra havia um homem paralítico dos pés, aleijado desde o nascimento, que vivia ali sentado e nunca tinha andado. Ele ouvira Paulo falar. Quando Paulo olhou diretamente para ele e viu que o homem tinha fé para ser curado, disse em alta voz: ‘Levante-se! Fique em pé!’ Com isso, o homem deu um salto e começou a andar” (v. 8-10).

²⁰ Grudem, *Systematic Theology*; p. 1066.

Finalmente, em Atos 20, um jovem foi ressuscitado dentre os mortos durante a longa pregação de Paulo:

Um jovem chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormeceu profundamente durante o longo discurso de Paulo. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar. Quando o levantaram, estava morto.

10 Paulo desceu, inclinou-se sobre o rapaz e o abraçou, dizendo: “Não fiquem alarmados! Ele está vivo!”. Então subiu novamente, partiu o pão e comeu. Depois, continuou a falar até o amanhecer e foi embora. Levaram vivo o jovem, o que muito os consolou.

Deus algumas vezes manifesta fortemente Seu poder após a pregação do ministro. É freqüentemente preferível você orar pelo doente após você ter pregado a palavra; contudo, a mensagem que você prega não tem que ser especificamente sobre cura. Às vezes, o poder de Deus opera enquanto o ministro ainda está falando, como as seguintes passagens ilustram:

Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem. Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus. (Atos 10:44-46)

Eles foram para Cafarnaum e, logo que chegou o sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. Todos ficavam maravilhados com o seu ensino, porque lhes ensinava como alguém que tem autoridade e não como os mestres da lei. Justo naquele momento, na sinagoga, um homem possesso de um espírito imundo gritou: “O que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!”. “Cale-se e saia dele!”, repreendeu-o Jesus. O espírito imundo sacudiu o homem violentamente e saiu dele gritando. (Marcos 1:21-26)

Embora o espírito maligno no exemplo acima não tenha deixado o homem até que Jesus ordenasse que ele assim o fizesse, o ministério da palavra, que foi feito com “autoridade”, o forçou a revelar sua presença dentro do homem.

Algumas pessoas têm me dito que elas foram curadas quando eu estava pregando. Aquelas pessoas foram surpreendidas pelo fato delas terem sido curadas mesmo sem oração, e eu não teria sabido que elas tinham sido curadas se elas não tivessem me dito. Deus é soberano, e Ele é livre para curar qualquer um, a qualquer hora e da forma que Ele quiser. Algumas vezes Ele é agrado de curar pessoas enquanto o ministro prega. De forma correspondente, quando ministrando aos doentes, algumas pessoas foram curadas quando eu estava orando por elas, mas outras pessoas foram curadas enquanto eu estava entrevistando-as sobre sua doença, mesmo antes de eu começar a orar.

Como Pedro insistiu em Atos 3:12, não foi por meu poder ou por causa da minha santidade que essas pessoas foram curadas, visto que algumas vezes eu nem mesmo sabia sobre sua cura até que elas me dissessem após o fato; antes, é pelo poder de Deus, de acordo com a Sua vontade, e para a Sua glória. Se Ele quiser curar, nenhum homem pode impedi-Lo; se Ele recusar curar, nenhum homem pode obrigá-Lo. Todavia, o

princípio da oração persistente se aplica, e é a vontade preceptiva ou diretiva de Deus para nós que Lhe roguemos por cura, quer Ele a conceda ou não, de acordo com a Sua vontade secreta ou decretiva (Deuteronômio 29:29).

Nós fazemos como Ele ordena; Ele faz como Lhe agrada. Muitos daqueles que afirmam a cura divina falam como se isto não fosse verdadeiro, mas Tiago escreve:

Ouçam agora, vocês que dizem: “Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro”. Vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa. Ao invés disso, deveriam dizer: “Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo”. Agora, porém, vocês se vangloriam das suas pretensões. Toda vanglória como essa é maligna. (Tiago 4:13-16)

Se Deus não quiser, você não pode nem mesmo viver “hoje ou amanhã”, muito menos receber a cura. É melhor não se “vangloriar das suas pretensões” sobre como você viverá ou o que você alcançará, mas dizer: “Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo”. Contrário ao ensino de muitos ministros, não depende finalmente de você.

As ordens de Paulo a Timóteo: “Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina” (2 Timóteo 4:2). Certamente, isto se aplica à cura divina como aos outros assuntos bíblicos. Em adição, Provérbios 4:20-22 diz: “Meu filho, escute o que lhe digo; preste atenção às minhas palavras. Nunca as perca de vista; guarde-as no fundo do coração, pois são vida para quem as encontra e saúde para todo o seu ser”.

Se persistirmos em pregar a palavra de Deus, não somente sobre o assunto de cura, mas sobre toda a abrangência dos assuntos bíblicos, pode ser que uma colheita de milagres de cura invada as nossas igrejas:

Ele prosseguiu dizendo: “O Reino de Deus é semelhante a um homem que lança a semente sobre a terra. Noite e dia, estando ele dormindo ou acordado, a semente germina e cresce, embora ele não saiba como.

28 A terra por si própria produz o grão: primeiro o talo, depois a espiga e, então, o grão cheio na espiga. Logo que o grão fica maduro, o homem lhe passa a foice, porque chegou a colheita”. (Marcos 4:26-29)

Se Deus permitir, é possível expulsar doenças de nossas igrejas pela leitura e pregação das palavras da Escritura, acompanhada pela oração por cura e a imposição de mãos. Todavia, embora possamos plantar, embora possamos regar, é Deus quem soberanamente causa a colheita: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1 Coríntios 3:6-7).

Se Deus te chamou para pregar, você deve encarar essa responsabilidade com um senso de temor e tremor, guardando em mente a admoestação do apóstolo Tiago: “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor” (Tiago 3:1). Embora Jesus

constantemente advirta sobre o perigo de enganar os outros, Ele também nos lembra da grande bênção que vem ao que fielmente ensina a palavra de Deus: “Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus” (Mateus 5:19). Se Deus te deu um ministério doutrinário, você deveria saber que Ele te deu uma tremenda responsabilidade e uma tremenda autoridade. O manto do ministério da palavra se estende para dirigir e aprimorar cada área da vida do crente e da igreja.

Em sua discussão sobre os dons espirituais, o apóstolo Paulo compara os cristãos coletivamente como o “corpo de Cristo”. Ele explica da seguinte forma:

Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo... O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: “Porque não sou mão, não pertencço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertencço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de você!” Nem a cabeça pode dizer aos pés: “Não preciso de vocês!”... Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo. (1 Coríntios 12:12, 14-21, 27)

Visto que essa passagem vem entre um extensivo discurso sobre a natureza e o uso dos dons espirituais, devemos entendê-la em tal contexto. Com isso em mente, a passagem nos oferece um importante *insight* com respeito à natureza dos dons espirituais — isto é, Deus tem soberanamente dotado cada crente com dons espirituais, e soberanamente coloca-o na igreja para realizar certas funções específicas.

O olho é designado para ver por sua própria estrutura e equipamento. Sua função inerente é ver; a tarefa de processar a luz é sua habilidade natural. Embora a maioria dos órgãos funcione com grande eficiência com as condições apropriadas, eles não requerem qualquer esforço extraordinário ou treinamento para seres capazes de realizar suas funções designadas. Visto que o olho foi construído para ver, tudo o que ele tem que fazer é ser ele mesmo.

Por outro lado, o olho não foi designado para realizar outras funções tais como processar sons. Embora seja um pedaço de equipamento muito intrigante e sofisticado, o olho não pode funcionar como um dispositivo de audição para uma pessoa, não importa quanto ele tente. Todavia, algumas vezes é possível para uma parte do corpo fazer algo que não foi especificamente designado para ele fazer. Por exemplo, uma pessoa pode usar suas mãos para andar, mas ela não poderá andar muito rápido ou durante tanto tempo fazendo isso.

Finalmente, os órgãos não assumem seus respectivos papéis por suas próprias decisões, mas eles são o que são porque eles foram feitos dessa forma.

Assim, podemos inferir diversas coisas sobre dons espirituais, quer estejamos falando sobre cura, ensino, evangelismo, administração ou outras funções:

1. Se Deus te deu um dom espiritual para realizar uma certa tarefa, você deve ser capaz de fazê-la muito bem. Embora ter a instrução e o treinamento relevante aprimorará suas habilidades nesta área, você freqüentemente não experimentará nenhuma tensão ou esforço especial comparado aos outros que tentam fazer a mesma coisa, mas que não foram especialmente dotados para fazer isso.
2. Embora seja possível para você realizar uma tarefa que você não foi dotado para fazer, você freqüentemente será menos bem-sucedido e eficiente nela comparado a alguém que foi dotado para fazê-la.
3. Não é sua decisão que tipo de função você deverá ter na igreja. Deus é Aquele que escolhe quais dons espirituais você terá e quais funções você assumirá na igreja.

Ministrar aos doentes com o poder de Deus vem facilmente àqueles que têm o dom de cura.²¹ Mas isto não significa que somente aqueles com esse dom podem ministrar aos doentes. Em um lugar, Paulo menciona os dons de serviço, encorajamento, contribuição e misericórdia (Romanos 12:7-8), mas ele certamente não estava dizendo que somente aqueles dotados nestas áreas podem servir, encorajar, contribuir ou mostrar misericórdia! Alguém com o dom de contribuir será divinamente capacitado para acumular recursos financeiros e dar com generosidade e sabedoria especial; todavia, todos cristãos devem ser generosos em doar seus recursos para o evangelho e aos necessitados. Quando diz respeito à cura, todos os cristãos têm acesso a Deus através da oração, e podem pedir por algo permitido pela Escritura. Contudo, permanece o fato que aqueles a quem Deus tem dado esse dom terão maior sucesso quando orando pelos doentes. Ele emprega sua autoridade dada por Deus para orar e curar mais eficazmente do que o cristão normal, e o Espírito Santo ativamente cura de uma maneira mais poderosa através dele.

Visto que o dom de cura é soberanamente dado pelo Espírito Santo e permanece sob o Seu controle soberano (1 Coríntios 12:11; Hebreus 2:4), o poder curador de Deus pode algumas vezes se manifestar de formas não planejadas ou inesperados pelo ministro de cura. Em adição, o Espírito Santo pode algumas vezes manifestar Seu poder de cura além dos limites de nossa consciência imediata, de forma que embora o ministro de cura possa estar ministrando intensamente a uma pessoa particular, outras pessoas na audiência podem estar recebendo cura sem seu conhecimento.

Embora seja possível que cristãos ministrem cura aparte de um ambiente oficial de igreja, com o encorajamento e autorização de uma igreja, alguns daqueles que têm o dom de cura podem desenvolver seus ministérios de cura num aspecto poderoso e permanente da vida da igreja. Isso leva à questão de como a igreja deve regular seus ministros de cura, e como a estrutura de autoridade da igreja se relaciona com eles. O que se segue tem como intenção dar algumas orientações escriturísticas relevantes.

²¹ Literalmente, os “dons de curas”.

Todos ministros cristãos devem possuir um nível de conhecimento e pureza doutrinária. Qualquer supervisor na igreja deve ser “capaz de ensinar” (1 Timóteo 3:2; também 2 Timóteo 2:24). Paulo diz com respeito ao presbítero de igreja: “[que ele] apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela.” (Tito 1:9). A maioria dos ministros hoje já falha nesse ponto — eles não afirmam a sã doutrina, eles não ensinam a outros a teologia precisa, e eles não refutam os falsos ensinamentos pela apologética bíblica. Eles não estão qualificados para ter autoridade doutrinária e administrativa na igreja. Por outro lado, 1 Timóteo 5:17 diz: “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino”, o que implica que os ministros doutrinários na igreja devem ter preeminência sobre os outros.

Francis Pieper articula este ponto muito bem em sua *Christian Dogmatics*:

Lutero freqüentemente chamava o ministério público de o mais alto ofício na Igreja. Em que sentido o ministério é o mais alto ofício ele se esforça para esclarecer. Na Igreja, tudo deveria ser feito de acordo com a Palavra de Deus; em outras palavras, tudo deveria ser regulado pela Palavra de Deus como norma. Se, agora, o ofício da Palavra numa congregação cristã está conferido a um homem, seu ofício é ensinar como todos os outros ofícios na congregação devem ser administrados. Lutero escreve: “Se o ofício da Palavra é conferido a um homem, está conferido a eles todos os ofícios que são administrados na Igreja através da Palavra, tais como o poder para batizar, para abençoar...para ligar e desligar, para orar, para examinar ou julgar. Porque o ofício da pregação...é o mais alto entre eles; porque ele é o verdadeiro ofício apostólico, lançando o fundamento de todos os outros ofícios, sobre os quais é apropriado construir todos os outros, a saber, os ofícios de...profeta, de governadores, daqueles que têm o dom de cura”. Novamente: “A quem o ofício da pregação é dado, a ele é dado o mais alto ofício da Cristandade: ele pode então batizar também...ou, se ele preferir não fazê-lo, ele pode tender somente à pregação e deixar o batismo e outras funções auxiliares a outros, como Cristo fez, e Paulo, e todos os outros apóstolos...”.²²

Edmund Clowney aparentemente concorda com a declaração acima quando ele diz:

Há, contudo, uma diferença significativa nos graus dos dons concedidos por Cristo, assim com há graus de fidelidades com as quais os dons têm sido exercidos. Todo israelita tem o dom da força física de Deus em alguma medida. Mas nem todo israelita tem aquele grau de força dado à Sansão. Com a força naquele grau foi um chamado para um serviço que outros não poderiam realizar. Assim é com o ministro da Palavra de Deus. Deus chama trabalhadores na Palavra com profundos *insights* para perceberem a essência das sãs palavras e com lábios unguentos declará-las. Há homens feitos “poderosos nas Escrituras” (Atos 18:34). Uma administração do evangelho é imposta sobre tais homens. Eles não têm escolha: ai deles se não pregarem o evangelho! (1 Coríntios 9:16-17; Colossenses 1:25).

²² Francis Pieper, *Christian Dogmatics*, Vol. 3; Concordia Publishing House, 1953; p. 461-462.

Assim como eles são obrigados a pregar, os outros são obrigados a ouvir. Sua mensagem deve ser recebida como a palavra de Deus (1 Tessalonicenses 2:13); aqueles que pela fé recebem seu testemunho regozijarão no dia do retorno de Cristo, enquanto aqueles que não obedecem ao evangelho conhecerão o julgamento da vingança de Deus (2 Tessalonicenses 1:8-10). A congregação deve respeitar a autoridade dos ministros da Palavra como aqueles “que os lideram no Senhor” (1 Tessalonicenses 5:12), e devem ser estimados altamente em amor por causa da sua obra. “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês” (Hebreus 13:17).²³

Cristo sustenta a mais alta autoridade na igreja, mas Ele delegou Sua autoridade aos apóstolos, que então produziram documentos que consistem na palavra infalível de Deus. Assim, a Bíblia é agora a autoridade imediata que dita nosso pensamento e conduta. Deus governa a igreja pela Bíblia. Segue-se, portanto, que aqueles que sustentam o ofício doutrinário hoje têm a mais alta autoridade no governo da igreja. Portanto, o ministério de cura deve se submeter ao ministério da palavra, e ser definido e dirigido por ele.

Certamente, os presbíteros de uma igreja freqüentemente serão aqueles mesmos que têm o dom de cura, visto que Tiago diz que os crentes devem chamar os seus presbíteros quando eles necessitam de oração para cura: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele...” (Tiago 5:14). Contudo, pode haver alguns que têm o dom de cura, mas que, todavia, não têm as qualificações para serem presbíteros ou diáconos na igreja. Nesses casos, se os presbíteros decidirem permitir que essas pessoas tenham ministérios oficiais de cura dentro da igreja, essas pessoas deverão fazer isso somente dentro da igreja, sob a autoridade e instrução dos presbíteros. Novamente, os cristãos podem usualmente ministrar cura a alguém, mas eu estou falando de um ministério oficial dentro da igreja que é reconhecido e aprovado pelos presbíteros. Em todo caso, alguém que tem um ministério doutrinário na igreja sempre deve ter autoridade sobre alguém que tem apenas um ministério de cura.

Se os indivíduos que ministram cura numa igreja são numerosos o suficiente para formar uma “equipe de cura” que possa ser chamada sempre que alguém necessitar de oração para cura, então deverá haver um supervisor sobre o grupo. Visto que o supervisor carrega autoridade para dar direções doutrinárias e administrativas relevantes para a operação do grupo, um presbítero da igreja com um ministério doutrinário deve tomar tal função.

Aqueles membros na equipe de cura que são menos do que excepcionais no conhecimento doutrinário devem ser proibidos de ensinar sobre cura, mesmo que eles tenham o dom de cura. Muitos que têm o dom de cura são enganados ao pensar que suas opiniões sobre o assunto de cura são geralmente corretas, mas isso está longe da verdade. De fato, muitos que têm esse dom, mas que não têm estudado diligentemente o assunto, freqüentemente ensinam interpretações defeituosas a partir de suas próprias

²³ Edmund Clowney, *Called to the Ministry*; Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1964; p. 50-51.

experiências, e eles freqüentemente fazem observações muito tolas quando tentam ensinar a partir da Escritura. Dito isso, o supervisor deve se esforçar para educar e treinar os membros de sua equipe, de forma que no final eles estejam familiares com as doutrinas bíblicas centrais, e sejam capazes de ensinar sobre o assunto de cura. Assim como muitos que têm o dom de cura são enganados ao pensar que o que eles dizem sobre cura ou mesmo sobre outros assuntos não relacionados será usualmente correto, muitos cristãos freqüentemente assumem que aqueles que têm ministérios bem-sucedidos de cura são também autoritativos quando diz respeito à teologia de cura, outros assuntos teológicos ou à aplicação de verdades bíblicas. Isso não é verdade. De fato, estatisticamente podemos descobrir ser o contrário a verdade, de forma que a maioria das pessoas que têm ministérios de cura bem-sucedidos são vergonhosamente incompetentes quando diz respeito a quase todos os aspectos dos ensinamentos bíblicos.

Certamente, tal ignorância não é causada pelo dom de cura, mas pela negligência de estudos teológicos. O que estou dizendo é que aquele que tem algum sucesso em orar pelos doentes pode não ter muito conhecimento bíblico sobre qualquer assunto de forma alguma, incluindo a própria cura. Essa é uma condição deplorável que a igreja deve corrigir colocando os ministérios doutrinários acima dos ministérios de cura, mesmo que crentes imaturos, ou incrédulos sobre esse assunto, possam achar os ministérios de cura mais interessantes e menos ameaçadores.

Agora, visto que o ministério de cura freqüentemente envolve íntimas interações entre indivíduos, é sábio colocar algumas linhas de direção gerais para assegurar a efetividade e a responsabilidade. Essas não são necessariamente regras que são diretamente ordenadas na Bíblia, mas elas podem ser preferíveis ou até mesmo necessárias quando aplicando princípios bíblicos às nossas circunstâncias particulares, e as práticas mais sábias para propósitos práticos. Por exemplo, visto que a imposição de mãos envolve contato físico entre o ministro e a pessoa doente, a sabedoria dita que observemos várias regras sensatas.

Quando você orar por pessoas doentes, evite tocar suas partes privadas ou sensíveis, especialmente quando você estiver orando por aqueles de sexo oposto. Trazer suas mãos para mais perto das partes afligidas do corpo pode te dar uma sensação de aplicar o poder de Deus mais diretamente contra o problema, mas na realidade isto freqüentemente faz pouca diferença. O poder de Deus não está sujeito à distância, e Ele pode curar a pessoa doente mesmo que você nem toque nela de forma alguma.

Em adição, você deve geralmente evitar impor as mãos sobre uma pessoa do sexo oposto quando em privado. De fato, a sabedoria dita que você absolutamente evite estar no mesmo quarto com outra pessoa do sexo oposto, seja para orar ou aconselhar, a menos que haja uma terceira pessoa presente, ou a menos que o encontro seja gravado em vídeoteipe com o consentimento da outra pessoa. Quando ministrando a crianças, deve haver pelo menos outra testemunha adulta presente, e o encontro deve ser gravado em vídeoteipe com a permissão dos pais da criança. Se a pessoa recusa ter uma terceira pessoa presente, e se a pessoa recusa ser filmada, então é melhor não se encontrar em privado com essa pessoa de forma alguma. Certamente, todos os vídeos registrando as sessões de ministério privado deveriam ser vistas somente pela pessoa envolvida, pelos oficiais da lei, ou para serem usadas como evidência em corte judicial.

A menos que seja evidente que você estará tocando a pessoa, como provavelmente será o caso em reuniões públicas onde a imposição de mãos é conhecida como sendo uma prática padrão, você provavelmente deve pedir permissão para impor suas mãos sobre a pessoa doente antes de fazê-lo. Seria suficiente simplesmente perguntar: “Posso colocar minha mão sobre o seu ombro e orar por sua cura?”. Em reuniões da igreja, onde a imposição de mãos é uma prática comum, é frequentemente desnecessário pedir explicitamente por permissão, visto que as pessoas devem estar cientes da possibilidade. Contudo, se você pensa que pode haver pessoas no grupo que não são familiares com o ministério de cura e a imposição de mãos, então, você deve dar uma breve explicação do que você irá fazer, e do que as pessoas pedindo oração podem experimentar, incluindo a imposição de mãos.

Quando diversas pessoas estão orando por uma pessoa doente, o grupo deveria evitar se reunir num círculo formado com muita força, de forma que a pessoa não se sinta comprimida ou desconfortável. Antes, é provavelmente melhor que apenas uma pessoa — duas ou três no máximo — imponha as mãos sobre a pessoa doente. Isso tem a vantagem adicional de deixar os outros observando o processo, e ver que nenhum contato físico inapropriado ou indecente ocorre. Se a condição é observável, isto também dá àqueles de fora do círculo a oportunidade para testemunhar um milagre de cura.

Quando impondo as mãos sobre o doente na presença de uma audiência, é melhor fazer isso de uma forma que a maioria ou todos da audiência vejam onde você está tocando a pessoa doente. Suas ações devem ser visíveis e suas palavras devem ser audíveis à audiência. Se o cônjuge da pessoa doente estiver presente, permita-lhe acompanhar o doente e observar o processo inteiro. Respeite os desejos do cônjuge bem como os da pessoa doente quando dizer respeito ao contato físico.

Se por qualquer razão não for possível observar os princípios acima, então é melhor não tocar a pessoa doente de forma alguma; antes, apenas ore por ela sem qualquer contato físico, e isso será o suficiente.

Tudo isso pode parecer extremo para algumas pessoas, mas esses princípios devem ser observados meticulosamente para evitar mal-entendidos, falsas acusações e até mesmo problemas legais. Alguns ministros de cura que não enfatizam suficientemente linhas de direção similares sofrem desnecessariamente, e normalmente imerecida, desonra. Por outro lado, se estabelecermos esses procedimentos práticos, relevantes e apropriados, haverá bem menos escândalos na igreja, quer sexuais, financeiros ou de outros tipos.

Além de permitir que a audiência veja onde você está tocando a pessoa quando impor suas mãos sobre ela, você deve se assegurar também que outros aspectos do ministério de cura sejam feitos sem ambigüidade. Muitas reuniões de igreja são muito emocionais, barulhentas e desorganizadas, de forma que alguém pode chegar a pensar que muitos foram curados, quando na realidade mui poucos ou até menos nenhuma das pessoas doentes foram curadas.

Quando uma pessoa doente pede oração para você, peça-lhe para declarar o problema. Pergunte-lhe se ela já foi ao médico, e se sim, o que o médico disse sobre a condição.

Pergunte o que o médico disse que deveria ser feito para a pessoa ser curada.²⁴ Pergunte se a pessoa seria capaz de dizer a diferença se ela fosse imediatamente curada, visto que isso pode ser possível com algumas condições. Após orar, pergunte à pessoa se ela nota qualquer diferença, e se sim, quais são elas. Pergunte se a pessoa pensa que foi curada. Em tudo isso, é usualmente preferível permitir que outras pessoas observem e ouçam a conversa.

Você nunca deve dar a impressão de que a pessoa foi curada quando na verdade ela não foi, ou se você está incerto de que ela tenha sido curada. Por outro lado, se uma pessoa foi curada através da oração, você deve ver que é Deus quem recebe a honra por isso. Todavia, se uma pessoa não parece ter sido curada após a oração, isto não significa necessariamente que sua oração não foi respondida, visto que Deus pode escolher curá-la mais tarde. Como em todos os aspectos do ministério cristão, devemos nos esforçar para sermos os mais claros e honestos possíveis quando orando pelo doente.

Após orar pela pessoa doente, você nunca deve sugerir que ela pare de tomar a medicação prescrita pelo seu médico. Além de ter a segurança da pessoa doente em mente, isso também serve para evitar problemas legais. Em conexão com isso, não dê seu próprio diagnóstico sobre a condição da pessoa.

Em geral, devemos praticar o ministério de cura numa forma que não traga desonra a Deus e à fé cristã. Os princípios acima podem ser adaptados para satisfazer situações específicas, e igrejas podem formular protocolos adicionais de acordo com suas necessidades.

²⁴ Nós devemos ouvir a opinião do médico para mostrar que alguém além da própria pessoa doente certifica que a condição de fato existe. Consistente com tal propósito, seria ainda melhor que a pessoa doente fosse capaz de apresentar os documentos médicos relevantes sobre sua condição. Se a condição parece ser incurável para a ciência médica, isso também prepara a audiência para observar Deus curando uma pessoa que os médicos não podem curar. Contudo, devemos guardar em mente que as opiniões dos médicos são sempre não-conclusivas e freqüentemente irrelevantes, visto que os médicos mui freqüentemente cometem enganos. Certamente, sempre podemos orar por uma pessoa doente e Deus pode curá-la, mesmo sem sabermos o que um médico disse sobre a doença.

4. CURA E MEDICINA

Os cristãos hoje são muito dependentes da ciência médica, freqüentemente à extensão em que eles raramente buscam a Deus por cura.²⁵ Alguns reservam a oração por cura somente para os casos mais extremos, e outros nem mesmo pensam em orar por cura. Nós devemos condenar essa tendência de excluir Deus da área de saúde.

Este capítulo constrói uma visão bíblica de Deus e da medicina, e suas funções quando diz respeito à nossa saúde e cura. Eu cheguei à conclusão que embora a Escritura permita o uso da medicina, ela não encoraja explicitamente o seu uso. Também, a Escritura adverte contra buscar a medicina como um substituto de buscar a Deus por cura e sustento.

Começaremos com uma passagem bíblica que parece condenar uma confiança excessiva na ciência médica:

No trigésimo nono ano de seu reinado, Asa foi atacado por uma doença nos pés. Embora a sua doença fosse grave, não buscou ajuda do SENHOR, mas só dos médicos. Então, no quadragésimo primeiro ano do seu reinado, Asa morreu e descansou com os seus antepassados. (2 Crônicas 16:12-13)

No mínimo, podemos inferir dessa passagem que a Escritura desaprova alguém que “não busca ajuda do Senhor” quando ele precisa de cura, mas, pelo contrário, busca ajuda “só dos médicos”.

Na NVI, essa passagem não condena a ciência médica em si, mas ela enfatiza o erro de negligenciar buscar a Deus por cura. Contudo, isso é suficiente para acusar muitos cristãos de pecado, pois eles deveras buscam ajuda somente dos médicos para cura, sem buscar a Deus em diligente estudo e oração. Além do mais, veremos mais abaixo que é possível que essa passagem de fato demande uma visão mais inferior da medicina do que podemos inferir a partir da NVI.

Muitos cristãos tentam justificar sua total dependência da medicina e de sua falta de dependência de Deus através de diversos argumentos falaciosos, de forma que trataremos com alguns deles aqui.

Um deles declara que a maioria dos médicos naquele tempo eram adoradores de ídolos, que usavam métodos espiritualmente ilegítimos para curar. Assim, o fato de Asa buscar os médicos foi um sinal de apostasia espiritual, não porque eles eram médicos, mas porque eles eram adoradores de ídolos. Portanto, é argüido que nossa passagem não nos previne de ir aos médicos modernos.

Esta explicação é seriamente defeituosa. Embora possamos corretamente considerar católicos, budistas, e muitos outros como adoradores de ídolos, mesmo que consideremos que muitos médicos de hoje em dia não são adoradores de ídolos no

²⁵ Por “medicina” ou “ciência médica” estou me referindo a qualquer substância natural e prática de cura através da medicina. Isto inclui substâncias e práticas sob a categoria de medicina alternativa ou natural. Estamos incluindo toda substância e prática para cura que vem da providência ordinária de Deus, e que não vem sob a providência especial de Deus.

sentido tradicional, muitos deles são ateus e evolucionistas. Qual é pior? Pelo menos podemos dizer com certeza que muitos médicos de hoje aderem firmemente a crenças anti-cristãs. Se ir aos médicos era errado no passado porque eles eram adoradores de ídolos, então ir aos médicos hoje pode ser pior ainda. Portanto, o argumento falha em justificar a confiança nos médicos modernos, visto que ele falha em distingui-los daqueles do passo em sua condição espiritual essencial.

Outro argumento popular contra identificar a ciência médica do passado com aquela do presente é que a ciência médica do passado era muito primitiva. Os médicos do passado frequentemente faziam mais dano do que bem, pois eles careciam das teorias e tecnologias superiores que temos hoje. Contudo, embora possa ser verdade que nossa ciência médica moderna seja mais avançada, o argumento ainda falha em justificar o grau de dependência que os cristãos exibem para com ela hoje. Nossa passagem diz que o problema de Asa foi que ele não buscou a Deus, e não que a ciência médica não era avançada o suficiente em seus dias.

Em adição, a ciência médica hoje ainda está muito longe do ideal. Por exemplo, alguns milhares de pacientes têm suas condições pioradas ou são até mesmos mortos todo ano porque seus casos foram mal-diagnosticados. Embora muitos desses casos tenham sido documentados, o público geral não está suficientemente ciente das limitações e incompetência que assola o campo médico. Este em si mesmo pode não ser um argumento contra buscar ajuda na ciência médica, mas deveria pelo menos servir como um lembrete que a ciência médica está sujeita aos mesmos problemas inerentes e insolúveis que permeiam todas as ciências empíricas.

Algumas pessoas advogam o uso de medicina alternativa ou natural. Elas concordam que a ciência médica moderna não é confiável e que muitos casos são mal-diagnosticados, de forma que tratamentos e medicações erradas são administradas. De fato, mesmo quando as condições são corretamente diagnosticadas, aqueles que advogam a medicina alternativa ou natural percebem que os médicos frequentemente falham em curar os pacientes, que eles frequentemente falham em administrar os tratamentos apropriados, que os tratamentos administrados frequentemente resultam em efeitos negativos, e que os médicos frequentemente cometem erros perigosos e algumas vezes fatais quando realizando cirurgias.

Contudo, embora eu concorde com sua avaliação da ciência médica moderna, permanece que essas pessoas falham em justificar o uso da medicina alternativa ou natural, ou da ciência médica em geral, visto que eles ainda falham em responder nossa passagem sobre o Rei Asa. Além do mais, provavelmente a medicina usada nos dias de Asa seria mais parecida com a nossa medicina alternativa ou natural do que com a que é usada na ciência médica moderna.

Então, algumas pessoas reivindicam que nossa passagem não nos previne de visitar os médicos em tempos de enfermidade, mas que ela adverte contra depender deles ao ponto de excluir Deus do processo de cura. Em outras palavras, Deus é contra depender somente dos médicos, mas se nossa dependência primária descansa em Deus, então podemos buscar a ajuda médica em paz, sabendo que estamos nas mãos de Deus e que Ele dirigirá corretamente os médicos.

Este argumento parece inicialmente ser possível à luz da nossa passagem bíblica, que diz que Asa “não buscou ajuda do SENHOR, mas só dos médicos”. Assim, J. Barton Payne escreve em seu comentário sobre 2 Crônicas: “O pecado do rei reside em ter recorrido ‘somente’ aos médicos e não ter buscado ‘ajuda do Senhor’”.²⁶ Parece que o erro de Asa estava em buscar ajuda *somente* dos médicos.

Contudo, a palavra “somente” parece ter sido adicionada na versão NVI e em várias outras traduções modernas, talvez para se ajustar à idéia do tradutor do que o versículo significa. A tradução mais literal da NASB traduz a passagem dessa forma: “E no ano trigésimo nono do seu reinado, Asa ficou enfermo de seus pés. Sua enfermidade era severa, todavia, mesmo em sua enfermidade ele não buscou ao SENHOR, mas aos médicos” (2 Crônicas 16:12). A KJV traduz esse versículo assim: “E Asa, no ano trigésimo nono do seu reinado, ficou doente de seus pés, e sua enfermidade era excessivamente grande: todavia, em sua enfermidade ele não buscou ao SENHOR, mas aos médicos”.²⁷ Qualquer interpretação que suavize as implicações dessa passagem vai além do que o texto realmente diz.

Em adição, se nossa dependência primária é confiar em Deus, então não deveríamos nos focar no estudo e na oração mais do que em ir aos médicos? Certamente, muitas pessoas reivindicarão que elas estão buscando a Deus por cura *por meio de* ir aos médicos. Contudo, nossa passagem parece distinguir entre buscar a Deus e buscar aos médicos, de forma que Asa “não buscou ao Senhor, mas aos médicos”. Mesmo que possamos inferir isso de alguma outra passagem bíblica, essa passagem sobre Asa não permite a possibilidade de alguém buscar a Deus por cura através de médicos.

Há várias passagens bíblicas que as pessoas usam para tentar justificar o uso da medicina. Tomaremos primeiro Tiago 5:14-15 como um caso representativo, visto que examinar os argumentos a favor e contra o uso da medicina baseado nessa passagem será útil quando estudando diversas outras passagens. A passagem diz o seguinte:

Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado.

Donald Burdick diz que deveríamos considerar “essa aplicação de óleo como medicinal antes do que sacramental”. Afinal de contas, “é um fato bem documentado que o óleo era um dos remédios mais comuns dos tempos bíblicos...É evidente, então, que Tiago está prescrevendo oração e remédio”.²⁸ Veremos que essa interpretação é superficial e irresponsável.

²⁶ *Expositor's Bible Commentary*, Vol. 4; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Corporation, 1988; p. 491.

²⁷ Nota do tradutor: Observe as três versões portuguesas mais conhecidas — **2 Crônicas 16:12** No trigésimo nono ano do seu reinado, caiu Asa doente dos pés; a sua doença era em extremo grave; contudo, na sua enfermidade não recorreu ao SENHOR, mas confiou nos médicos (ARA); **2 Crônicas 16:12** E caiu Asa doente de seus pés no ano trigésimo-nono do seu reinado; grande por extremo era a sua enfermidade, e, contudo, na sua enfermidade, não buscou ao SENHOR, mas, antes, aos médicos (ARC); **2 Crônicas 16:12** E, no ano trinta e nove do seu reinado, Asa caiu doente de seus pés, a sua doença era em extremo grave; contudo, na sua enfermidade, não buscou ao SENHOR, mas antes os médicos (ARF).

²⁸ *Expositor's Bible Commentary*, Vol. 12; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Corporation, 1981; p. 204.

Em primeiro lugar, nem todo erudito bíblico crê que o apóstolo Tiago está recomendando o uso de remédios. Por exemplo, E. Gibson escreve: “Se...o óleo era usado como um remédio real, (1) porque ele tinha que ser administrado pelos presbíteros? e (2) porque a cura é imediatamente atribuída à ‘oração com fé’? Essas questões parecem sugerir que o óleo foi imposto por São Tiago como um símbolo externo, antes do que como um remédio real”.²⁹ Em adição, Alexander Strauch escreve: “Tiago certamente não era tão ingênuo para acreditar que o óleo era curativo para todas as enfermidades. Podemos assumir que se o óleo fosse necessário para propósitos médicos, ele teria sido aplicado bem antes da visita dos presbíteros...A tarefa dos presbíteros era orar por cura, de acordo com o versículo 15, e é a oração com fé — não o óleo — que restaura o doente...O óleo, portanto, devia ter um significado simbólico”.³⁰

Agora, se o óleo sozinho fosse suficiente para curar, então seria desnecessário orar por cura em conjunção com a unção do doente. Mas a passagem faz da oração o fator decisivo: “A oração feita com fé curará o doente” (Tiago 5:5). Contudo, se a oração é o fator decisivo, então o óleo não é um fator necessário; isto é, o óleo em si mesmo não é o meio ou nem mesmo um dos meios na cura. Tiago diz que é a *oração* que faz com que a pessoa seja curada, e que é *o Senhor* que a levanta. Não há implicação de que o óleo tenha qualquer parte em fazer a pessoa ser curada.

A Escritura registra casos nos quais Deus curou os casos mais extremos e até mesmo ressuscitou mortos em resposta à oração.³¹ Em muitos destes casos, nenhuma substância, tal como óleo, foi usada. Isso significa que a oração sozinha é um meio suficiente para receber cura de Deus, que, conseqüentemente, significa que nenhuma substância possuindo valor médico é necessária quando alguém deseja receber cura dEle.

Mesmo que o óleo possua certas propriedades curadoras, quantos tipos de enfermidades ele pode curar? Tiago não coloca uma limitação nos tipos de enfermidades sobre as quais os presbíteros podem orar usando esse método. Aqueles que dizem que Tiago tinha o valor medicinal do óleo em mente devem também estar preparados para dizer que o óleo é um “cura-tudo”; de outra forma, sua interpretação falha em fazer a passagem ter sentido.

Agora, mesmo que o óleo possua algumas propriedades curadoras, a maioria das pessoas concordaria que a medicina de hoje é muito mais eficaz do que uma aplicação externa de óleo ao corpo. Aqueles que afirmam que o processo descrito aqui depende mesmo que parcialmente do valor medicinal do óleo devem também estar preparados para afirmar que Tiago, se ele estivesse vivo hoje, sugeriria melhores tipos de remédios. Mas não há indicação a partir da passagem que devamos interpretá-la dessa forma.

Aqueles que interpretam essa passagem como significando uma aprovação bíblica para o uso de remédios, não tem garantia para mudar ou igualar “óleo” com “remédio”;

²⁹ *The Pulpit Commentary*, Vol. 21, "The General Epistle of James"; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers; p. 71.

³⁰ Alexander Strauch, *Biblical Eldership*; Lewis and Roth Publishers, 1995; p. 258.

³¹ Visto que eu já citei alguns deles num capítulo anterior, eu não os listarei novamente aqui.

portanto, se eles baseiam suas tentativas de unir oração e remédio sobre esta passagem, eles devem continuar a usar somente o óleo como remédio, e nada mais.

Em outras palavras, se Tiago tem em mente o valor medicinal do óleo, ao invés de seu significado simbólico, aqueles que entendem a passagem dessa forma não têm razão para continuar usando óleo quando eles oram pelos doentes, visto que agora possuímos remédios muito mais eficazes. Contudo, a própria passagem não diz que você pode usar algo mais no lugar do óleo, mas que você deve usar o próprio óleo. Por outro lado, se Tiago está considerando o significado simbólico de óleo, então poderemos continuar a usá-lo quando orando pelos doentes.

Portanto, a interpretação mais apropriada dessa passagem é que o óleo usado para ungir os doentes é meramente simbólico, e não devemos pensar que haja qualquer valor medicinal no óleo em si. Não há justificação para crer que Tiago tinha em mente algum valor medicinal que o óleo poderia possuir quando ele nos ensina a ungir com óleo e orar pelos doentes. A passagem simplesmente não ensina o uso de remédios, mas somente que Deus curará quando orarmos em fé, e ela estabelece uma forma pela qual podemos cumprir essa instrução. A conclusão é que mesmo que a Escritura permita o uso de remédios, essa passagem particular não diz isso. Mesmo que ela não desencoraje o uso de remédios, ela certamente não encoraja, visto que ela prescreve a oração como a solução para a doença.

Outra passagem que algumas pessoas usam para justificar o uso de remédios é 2 Reis 20:1-7. Lemos a mesma assim:

Naquele tempo Ezequias ficou doente e quase morreu. O profeta Isaías, filho de Amoz, foi visitá-lo e lhe disse: “Assim diz o SENHOR: ‘Ponha em ordem a sua casa, pois você vai morrer; não se recuperará’”. Ezequias virou o rosto para a parede e orou ao SENHOR: 3 “Lembra-te, SENHOR, como tenho te servido com fidelidade e com devoção sincera. Tenho feito o que tu aprovas”. E Ezequias chorou amargamente. Antes de Isaías deixar o pátio intermediário, a palavra do SENHOR veio a ele: “Volte e diga a Ezequias, líder do meu povo: Assim diz o SENHOR, Deus de Davi, seu predecessor: Ouvei sua oração e vi suas lágrimas; eu o curarei. Daqui a três dias você subirá ao templo do SENHOR. Acrescentarei quinze anos à sua vida. E livrarei você e esta cidade das mãos do rei da Assíria. Defenderei esta cidade por causa de mim mesmo e do meu servo Davi”. Então disse Isaías: “Preparem um emplastro de figos”. Eles o fizeram e o aplicaram na úlcera; e ele se recuperou.

O argumento é que Deus curou o Rei Ezequias através de figos, ou pelo menos em conjunção com eles; portanto, é apropriado para nós usar remédios com um modo de receber a cura de Deus.

Essa interpretação sofre críticas similares à reivindicação de que Tiago 5:14-15 encoraja o uso de remédios. Se os próprios figos fossem suficientes, os médicos do rei teriam aplicado-os nele há muito tempo atrás. Se os próprios figos fossem suficientes, e a reivindicação é que os figos trabalharam em conjunção com o poder curador de Deus, então isso implica que apenas o poder de Deus era insuficiente, ou que Deus deliberadamente reteve Seu poder para deixar um lugar para o uso dos figos. Mas não há justificativa para fazer qualquer uma dessas inferências a partir da própria passagem.

Se apenas o poder de Deus era suficiente para cura, então isso significa que os figos eram desnecessários para efetuar a cura. Portanto, os figos tinham, na melhor das hipóteses, algum significado simbólico.

Uma outra passagem usada para suportar o uso de remédios vem do ministério de Jesus:

Ao passar, Jesus viu um cego de nascença...Tendo dito isso, cuspiu no chão, misturou terra com saliva e aplicou-a aos olhos do homem. Então lhe disse: “Vá lavar-se no tanque de Siloé” (que significa “enviado”). O homem foi, lavou-se e voltou vendo. (João 9:1;6-7)

Poucos eruditos afirmam que este é um caso onde os remédios naturais são aplicados em conjunção com o poder de Deus. Nós sabemos que remédios naturais não estão sob consideração aqui, pois se isso é como os olhos de um cego são curados, seríamos capazes de fazer o mesmo. Se a mistura de saliva e lama pode dar vistas ao cego, até mesmo um não-cristão seria capaz de realizar essa cura. É melhor não distorcer o significado óbvio da passagem; isto é; Jesus curou um homem cego através do Seu poder sobrenatural, e qualquer substância natural envolvida não transmitiu nenhum valor medicinal. Marcos 2:17 é um versículo extremamente popular para apoiar o uso de remédios: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes” (Marcos 2:17). A partir disso, muitos dizem que Jesus explicitamente endossa a ciência médica. De fato, algumas pessoas dizem que o versículo é prescritivo, de forma que se você está doente, você *deve ir* ao médico. Antes de replicar a isso, deveríamos ler os versículos anteriores para captar o contexto no qual o versículo 17 aparece:

Durante uma refeição na casa de Levi, muitos publicanos e “pecadores” estavam comendo com Jesus e seus discípulos, pois havia muitos que o seguiam. Quando os mestres da lei que eram fariseus o viram comendo com “pecadores” e publicanos, perguntaram aos discípulos de Jesus: “Por que ele come com publicanos e ‘pecadores’?”. Ouvindo isso, Jesus lhes disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos, mas pecadores”. (Marcos 2:15-17)

Nós imediatamente percebemos que essa passagem trata de questões espirituais, e como tal ela não pode ser usada para conclusivamente derivar qualquer visão bíblica com respeito à doença física e à ciência médica. Jesus está somente provendo uma analogia que as pessoas possam entender — o pecado para a alma é, num sentido, como uma enfermidade para o corpo.

Aqueles que interpretam o versículo 17 como estabelecendo a norma prescrita para a pessoa doente seguir vêm o versículo como dizendo, em efeito, isso: “Assim como aqueles que estão fisicamente doentes precisam de médicos, Eu, como alguém que tem o poder para curar doença espiritual, vim para alcançar aqueles que estão em pecado”. Contudo, essa interpretação não pode representar o que Jesus considera como a norma, e não pode representar Sua prescrição para as pessoas doentes. Isso porque o próprio Jesus curava multidões de pessoas pelo poder miraculoso, e Ele nunca os remeteu aos médicos. Se no versículo 17 Ele está fazendo uma declaração concernente a quem o doente deve buscar (ao invés de estar fazendo uma mera analogia), por que Ele não pratica o que Ele prega, atendendo somente as necessidades espirituais das pessoas, e remetendo aquelas que estão fisicamente enfermas aos médicos? Aqueles que insistem

que Jesus afirma a necessidade de médicos nesta passagem devem também acusá-Lo de ser um hipócrita, se eles quiserem permanecer consistentes.

Em adição, Jesus comissionou os apóstolos para curar os doentes, e continuar o ministério de cura após a Sua ascensão. Nós não temos nenhum registro deles remetendo alguém aos médicos. Se devemos entender que o versículo 17 afirma a ciência médica como a solução normal para a doença, então nem Jesus nem os apóstolos seguiram-na.

Por outro lado, no lugar onde a Escritura explicitamente nos diz o que uma pessoa doente deve fazer, Tiago a instrui a chamar os presbíteros para orar (Tiago 5:14-15). Esse ponto de Tiago 5 também refuta a idéia de que Jesus e os apóstolos eram exceções, que, visto que eles tinham a habilidade para curar os doentes, eles não tinham necessidade de remeterem as pessoas doentes aos médicos. Antes, visto que a Escritura ordena que os presbíteros da igreja orem pelos doentes, o ministério de cura não terminou com os apóstolos.

À luz das razões acima, não há justificação para dizer que Marcos 2:17 reconhece a necessidade de médicos e remédios. De fato, quando a Bíblia se refere diretamente a médicos, ela nem sempre os descreve numa luz positiva: “E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava” (Marcos 5:25-26). Hoje, muitas pessoas ainda passam por tremendos sofrimentos sob o “cuidado” dos médicos, e muitos gastam tudo o que têm, mas elas pioram, em vez de melhorar. É muito tolo crer que a ciência médica moderna deve ser a solução principal para a doença.

Outro argumento popular usado em suporte da ciência médica aponta que Lucas, o autor do Evangelho de Lucas e do Livro de Atos, era um médico. Nós sabemos isso porque Paulo se refere a Lucas como “o doutor” em Colossenses 4:14. Assim, o argumento é que Lucas foi um médico que acompanhou Paulo e até mesmo escreveu partes da Escritura, e isso valida de alguma forma a profissão médica. Contudo, provavelmente Paulo menciona a profissão de Lucas somente como uma forma de identificá-lo, de forma que não podemos supostamente derivar quaisquer conclusões sobre a atitude de Deus para com a ciência médica baseados nessa menção. Embora Lucas seja uma personalidade bíblica distinta, na Escritura suas realizações nunca são diretamente relacionadas com sua profissão como um médico.

Todos têm uma profissão antes ou até mesmo durante seu envolvimento no ministério. Pedro era um pescador que se tornou um apóstolo e escreveu partes da Escritura, mas isso não valida sua profissão anterior como um pescador. Mateus era um coletor de impostos que se tornou um apóstolo e escreveu partes da Escritura, mas sua profissão foi abertamente desprezada. Visto que os coletores de impostos naqueles dias eram freqüentemente desonestos e opressivos, até mesmo a Bíblia identifica-os como pecadores (Mateus 18:17). Seria estranho dizer que o apostolado de Mateus e as suas realizações espirituais de alguma forma redimiram a profissão de ser um coletor de impostos. O próprio Paulo foi um fariseu que perseguiu os cristãos, e que mais tarde se tornou um apóstolo e escreveu uma grande parte do Novo Testamento. Portanto, o mero fato de que Lucas foi um médico não contribui para a nossa discussão de forma alguma.

Agora voltaremos para examinar diversas passagens que de fato concedem algum suporte para o uso de meios naturais para a saúde; contudo, elas ainda não suportam a ciência médica tanto quanto a maioria das pessoas fazem com que elas suportem. Nesse ponto, temos estabelecido que a Bíblia não tem a alta visão da medicina que muitas pessoas reivindicam, e que seus argumentos falham em estabelecer suporte bíblico para uma integração estreita entre oração e medicina. As diversas passagens seguintes levemente redimirão o uso de meios naturais para a saúde e a cura, o que nos levará conseqüentemente à conclusão sobre a visão bíblica da medicina como declarada no início desse capítulo.

Uma passagem que parece afirmar o benefício do exercício físico é 1 Timóteo 4:8: “O exercício físico é de algum valor; a piedade, porém, tem valor para todas as coisas, sustentando a promessa tanto para a vida presente como para a vida futura”. O exercício físico é inferior à piedade, visto que quaisquer que sejam os benefícios que ele possa produzir, eles não permeiam “tanto a vida presente como a vida futura”. Assim, desde o princípio, entendemos que a piedade é superior. O que estamos interessados agora é no valor que o versículo atribui ao exercício físico.

Agora, a NVI traduz o versículo de uma forma que faz o exercício físico mais positivo do que o versículo intenta dizer, pois onde ela traduz o versículo por “o exercício físico é de algum valor”,³² uma tradução mais literal seria “a disciplina corporal é de pequeno proveito apenas” (NASB). As diferentes traduções geram dois significados diferentes. Enquanto uma significa “o exercício físico tem alguns benefícios, mas a piedade tem muito mais”, a versão mais literal significa “o exercício físico não é muito útil, mas a piedade é de grande benefício”.

Ralph Earle escreve com respeito a este versículo:

O grego *pros oligon* pode ser traduzido como “por um pouco de tempo” — isto é, nesta vida. “Para todas as coisas” sugeriria então “por todo o tempo”, ou para sempre. Literalmente, a passagem diz que as ginásticas corporais são benéficas... “por um tempo”. Isso certamente não significa que o exercício físico é de nenhum valor. Mas o exercício espiritual é de muito maior importância, pois tem valor para a eternidade — “sustentando a promessa tanto para a vida presente como para a vida futura”.³³

O versículo está dizendo que a boa forma física é inferior à boa forma espiritual, pois os benefícios da primeira são limitados a esta vida, os benefícios da última são tanto para esta vida como para a próxima. Mas quão inferior é o exercício físico? Se eu dissesse: “Tommy tem apenas uma pequena força, mas Johnny é muito forte”, você não pensaria que Tommy é muito forte de forma alguma.

Portanto, o propósito principal desse versículo não é apoiar o exercício físico, mas afirmar a superioridade da boa forma espiritual sobre a boa forma física. Muitos indivíduos não necessitam de encorajamento para verem a boa forma física como

³² A versão brasileira, ou seja, a NVI, não traduz este problema. Nela lemos: “O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura”.

³³ *Expositor's Bible Commentary*, Vol. 11; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Corporation, 1978; p. 373.

importante; antes, eles precisam ter uma visão menor da boa forma física com relação à boa forma espiritual. Assim, o uso apropriado desse versículo está no fato de urgir com que a pessoas coloquem *menos* foco sobre a boa forma física, de forma que elas possam prestar mais atenção à sua saúde espiritual. É estranho que este verso seja algumas vezes usado para dar validade ao exercício físico quando na verdade ele está dizendo que devemos dar mais ênfase ao espiritual.

Todavia, para o propósito da nossa discussão, o versículo não declara que o exercício físico é completamente sem valor. Paulo poderia ter escrito, “O exercício físico é completamente inútil, mas a piedade é benéfica para todos os tempos”, mas ele não o fez. O versículo certamente não ensina que o exercício físico é danoso ou mesmo pecaminoso. Portanto, fazer certa quantidade de exercício físico é permitido como uma preferência, ou mesmo como uma sábia preferência, mas seria um engano dizer que este versículo prescreve ou requer o exercício físico.

Filipenses 2:25-30 é outra passagem relevante, da qual podemos inferir algo sobre o uso dos meios naturais para a saúde:

Contudo, penso que será necessário enviar-lhes de volta Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas, mensageiro que vocês enviaram para atender às minhas necessidades. Pois ele tem saudade de todos vocês e está angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente. De fato, ficou doente e quase morreu. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, logo o enviarei, para que, quando o virem novamente, fiquem alegres e eu tenha menos tristeza. E peço que vocês o recebam no Senhor com grande alegria e honrem homens como este, porque ele quase morreu por amor à causa de Cristo, arriscando a vida para suprir a ajuda que vocês não me podiam dar.

Paul diz que Epafrodito caiu doente porque ele tinha trabalhado duro demais. Isso implica que o problema era evitável, e que se ele tivesse permitido a si mesmo o descanso suficiente, ele poderia ter evitado ficar doente, ou pelo menos ao ponto de quase morrer.

Homer Kent concorda, dizendo:

A quase morte de Epafrodito deve ser explicada em relação à sua doença (v.27), e não como resultado de perseguição ou de procedimentos judiciais adversos. Além do mais, a dor era devido diretamente os seus labores cristãos em favor de Paulo. Talvez fosse resultado dos rigores de viagens e composta por seus esforços para continuar ministrando à Paulo, a despeito de estar doente. Não era meramente uma circunstância inevitável, mas era arriscar sua vida nos interesses de seu ministério.³⁴

A implicação é que podemos tomar certas decisões concernente ao uso de nossos corpos que podem influenciar nossa saúde. Por exemplo, ter uma quantidade adequada de descanso pode ajudar em evitar problemas de saúde. Esta é a extensão à qual podemos levar a implicação desse verso para a nossa discussão. A passagem em si não encoraja

³⁴ Ibid., p. 136.

descansos apropriados ou hábitos saudáveis, mas simplesmente dá a razão para a enfermidade.

Na carta a Timóteo, Paulo escreve: “Não continue a beber somente água; tome também um pouco de vinho, por causa do seu estômago e das suas freqüentes enfermidades” (1 Timóteo 5:23). Este é, talvez, o versículo que chega mais perto para apoiar o uso de meios naturais na saúde, mas resta-nos ver quanto apoio ele dá ao uso de remédios, se algum.

O versículo indica que ajustar a dieta de alguém por razões de saúde é aceitável, mas seria um engano magnificar este versículo para obscurecer todas as passagens bíblicas que nos encorajam a depender de Deus para a nossa cura e buscar cura dEle através da oração. A norma da Escritura parece ser que deveríamos depender de Deus para a saúde e cura através da fé e oração, embora não devamos tentar a Deus adotando conscientemente hábitos ou práticas que coloquem em risco a saúde.

Se a Escritura diz para usar os meios naturais como uma forma de manter nossa saúde sobre esta terra — como esse versículo parece nos dizer — então devemos fazê-lo. A questão é quanto encorajamento esse versículo realmente nos dá para usar os meios naturais, e quanto suporte ele está dando para o uso de remédios. Agora, mesmo que concedamos que esse versículo permita o uso de remédios, ele ainda é apenas um versículo, assim como temos estabelecido que as passagens anteriormente examinadas na realidade não apóiam o uso de remédios, mesmo que não o proibam.

Aqueles que dizem este versículo constitui a norma na Escritura e que a Bíblia dá aprovação ávida ao uso de remédios, negam o claro significado do texto bíblico. Vinho não é o mesmo que remédio, e ele é apenas um ajuste à dieta. Ralph Earle escreve:

A palavra para vinho (*oinos*) é freqüentemente usada na LXX para...suco de uva não fermentado...Além do mais, é geralmente concordado que o vinho dos dias de Jesus era usualmente fraco e, especialmente entre os judeus, freqüentemente diluído com água. Além disso, água potável segura nem sempre estava prontamente disponível naqueles países orientais.³⁵

Cleon Rogers concorda, e diz: “A ordem para se abster de beber exclusivamente água pode ter sido devido ao fato de que água contaminada contribuía para a indigestão de Timóteo”.³⁶ Assim, a declaração de Paulo equivale a uma instrução para Timóteo ajustar sua dieta para se adequar à sua situação específica.

Se eu fosse aconselhar um amigo que tivesse um problema de saúde específico a “parar de comer somente carne, mas comer alguns vegetáveis”, seria um esforço gigantesco dizer que isso constitui numa aprovação explícita para o uso de remédios! Assim, qualquer suporte que esse versículo dê para remédios, se houver algum, permanece muito fraco e indireto, e certamente inconcludente. Contudo, o versículo parece suficiente para estabelecer que é correto alguém ajustar a sua dieta por razões de saúde.

³⁵ Ibid., p. 381.

³⁶ Cleon L. Rogers, *The New Linguistic Key to the Greek New Testament*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1998; p. 497.

Então, outro argumento freqüentemente usado para apoiar o uso de remédios é que as substâncias naturais são inerentemente neutras (ou mesmo boas), e tudo depende de como alguém as usa. Como Wayne Grudem escreve:

Deus criou...substâncias na terra que podem ser usadas para fazer remédios com propriedades curativas. Assim, os remédios devem ser considerados parte da totalidade da criação que Deus considerou “muito boa” (Gênesis 1:31). Devemos de bom grado usar remédios com ação de graças ao Senhor, pois “do Senhor é a terra e tudo o que nela existe” (Salmos 24:1).³⁷

O argumento de Grudem é baseado no que pode ser uma inferência inválida da Escritura. Apenas porque a criação de Deus é “boa” não quer dizer que tudo o que façamos com as coisas criadas sejam necessariamente boas também. Se arguirmos que podemos usar os remédios porque todas as substâncias criadas são ou neutras ou boas, então não teremos nenhuma justificativa para sermos seletivos sobre elas — um cogumelo venenoso é tão “bom” quanto um que tenha propriedades curadoras.³⁸

Mesmo que concedamos que substâncias criadas possam deveras ser inerentemente neutras, assumindo que alguém tenha o conhecimento relevante sobre suas opções, nenhuma decisão ou ação pode ser neutra. Escolher uma coisa equivale a não escolher a outra, e escolher duas ao mesmo tempo equivale a não se comprometer inteiramente a nenhuma. Muitas substâncias podem ser “neutras” para alguns usos, mas quando o cristão as usa para curar doenças, a ação não pode ser neutra. Escolher somente os remédios equivale a não escolher a oração, e escolher tanto os remédios como a oração equivale a não escolher somente os remédios ou somente a oração.

Portanto, o argumento reivindicando que substâncias criadas são neutras ou boas não pode estabelecer a questão, mas devemos apelar à discussão precedente sobre as passagens bíblicas relevantes. Até aqui, nenhuma das passagens examinadas providenciou suporte explícito para o uso de remédios, embora pelos menos uma passagem sugira que seja aceitável para alguém ajustar sua dieta por razões de saúde.

A Bíblia parece permitir, mas não explicitamente endossar, o uso de remédios. Embora ela não dê nenhum suporte explícito para o uso de remédios, isso não significa que devemos abandonar absolutamente o seu uso; contudo, isso significa que devemos nos apegar a uma visão menor dos remédios do que aquela que muitas pessoas estão acostumadas, para sermos consistentes com as implicações necessárias das passagens bíblicas relevantes.

Uma implicação da nossa discussão tem a ver com como devemos falar sobre casos nos quais alguém se recuperou da doença através do uso de remédios.

Jesus diz, “[Deus] faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5:45). Assim, toda chuva vem de Deus, mas sob circunstâncias normais, não devemos nos referir à chuva como uma bênção efetuada pelo poder miraculoso ou pela providência especial de Deus. Antes, a chuva é uma bênção que vem

³⁷ Systematic Theology, p. 1064.

³⁸ A preocupação de Paulo em 1 Timóteo 4:3-4 é diferente. Ali ele está argumentando que nenhuma substância é *cerimonialmente* proibida por Deus. Aqui estamos discutindo se há alguma justificativa bíblica para o uso de remédios.

de Sua providência geral ou ordinária. Contudo, devemos reconhecer a chuva como um milagre se ela ocorre sob circunstâncias especiais: “Elias era humano como nós. Ele orou fervorosamente para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos e meio. Orou outra vez, e o céu enviaram chuva, e a terra produziu os seus frutos.” (Tiago 5:17-18).

Da mesma forma, embora a cura através de remédios possa ser ultimamente atribuída à Deus, isso é somente verdadeiro no mesmo sentido que o alimento sobre a mesa ultimamente vem dEle. Certamente devemos ser gratos por todas as provisões naturais, incluindo o alimento e os remédios, mas nunca deveríamos confundi-los com milagres, ou com atos da providência especial. Visto que a cura através de remédios não é realmente cura no sentido bíblico, quando discutimos nossas recuperações de doenças com outras pessoas, devemos tomar cuidado para claramente distinguir entre recuperações com a ajuda de meios naturais e recuperações através do poder miraculoso de Deus.

Alguém que é curado com a ajuda de meios naturais será grato a Deus, assim como ele deve ser grato pela sua refeição e respiração diária, mas ele deve ser cuidadoso para distinguir entre providência ordinária e providência especial, de forma que ele não pode colocar remédios e milagres no mesmo nível.

Deixemos claro que o propósito desse capítulo não é induzir um senso de culpa ou inferioridade naqueles que estão usando remédios, e eu certamente não estou sugerindo que eles parem de tomar suas medicações. Contudo, é minha intenção refutar aqueles que pensam que a Bíblia explicita e entusiasticamente suporta o uso de remédios — não há tal suporte na Bíblia. Em conexão com isso, é também minha intenção encorajar grande dependência do poder de Deus para a saúde e a cura.

Para algumas pessoas, pode parecer mais conveniente simplesmente confiar em seus médicos sempre quando enfermam; contudo, a ciência médica não trabalha tão bem quanto eles imaginam. Mais importante ainda, como cristãos deveríamos exibir fé em Deus em toda área de nossas vidas, incluindo a área de saúde, e assim, segue-se que deveríamos buscar sempre a Deus por cura, quer usemos ou não meios naturais para ajudar nossa recuperação.